A EXPERIÊNCIA MATERNA COM A EDUCAÇÃO DE FILHOS INGRESSANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Adams Friedemann

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, agosto de 2024

A EXPERIÊNCIA MATENA COM A EDUCAÇÃO DE FILHOS INGRESSANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Adams Friedemann

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, agosto de 2024

Agradecimentos

Agradeço a minha família, que, entre idas e vindas, sempre esteve ao meu lado.

Em especial, agradeço a minha mãe, que nunca deixou de estar.

Agradeço a meus amigos, que estão sempre comigo, mesmo quando distantes.

Agradeço a meu orientador, por sua paciência com quem se considera um aprendiz.

Seus nomes não se encontram aqui, apesar de as palavras serem nossa maior potência.

Sumário

RESUMO 7

CAPÍTULO I 9

INTRODUÇÃO 9

Apresentação 9

Família e parentalidade: cuidado e desenvolvimento na infância 9

A escola e o envolvimento da família 12

A pandemia de COVID-19 e o fechamento das escolas 15

Parentalidade na pandemia: entre o cuidado, a educação e o ensino 21

Justificativa e objetivo 25

CAPÍTULO II 27

MÉTODO 27

Participantes 27

Delineamento e procedimentos 27

Instrumentos 28

Considerações éticas 28

Análise de dados 29

CAPÍTULO III 32

RESULTADOS 32

I. Caracterização dos casos ..... **Erro! Indicador não definido.**

Caso 1: Alice (mãe) e Leon (filho) ..... **Erro! Indicador não definido.**

Caso 2: Jane (mãe) e Jonas (filho) ..... **Erro! Indicador não definido.**

Caso 3: Cibele (mãe) e Karen (filha) ..... **Erro! Indicador não definido.**

Caso 4: Fabíola (mãe) e Pietro (filho) ..... **Erro! Indicador não definido.**

Caso 5: Jussara (mãe) e Monique (filha) ..... **Erro! Indicador não definido.**

II. Análise temática ..... **Erro! Indicador não definido.**

A emergência da pandemia ..... **Erro! Indicador não definido.**

A educação na pandemia ..... **Erro! Indicador não definido.**

CAPÍTULO IV 33

DISCUSSÃO 33

Considerações finais 62

REFERÊNCIAS 64

ANEXO A 75

ANEXO B 77

ANEXO C 78

ANEXO D 80

ANEXO D

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19
Pesquisador: CESAR AUGUSTO PICCININI
Área Temática:
Versão: 5
CAAE: 48644621.9.0000.5334
Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.329.299

Apresentação do Projeto:
O projeto de pesquisa intitulado A relação entre pais e filhos em idade pré-escolar durante a pandemia de COVID-19, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (Parecer no.48644621.9.0000.5334), sendo o tema de dissertação da mestranda Mirele Rodrigues de Melo. Nesse momento, os pesquisadores estão estendendo o referido projeto, a fim de incluir também 8 famílias que,no início da pandemia do COVID-19, tinham uma criança com idade de 6 anos, matriculada em escolas públicas de Ensino Fundamental de Porto Alegre e região metropolitana. A inclusão desse grupo permitirá que se investigue a experiência parental com a educação de filhos durante a pandemia, tema da dissertaçãodo mestrando Adams Friedemann, cujo projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS. No contexto da pandemia de COVID-19, desde março de 2020, os estabelecimentos de ensino foram fechados, priorizando o ensino remoto, dificultando o acesso das crianças à educação. Nesse sentido, conforme mencionam os os pesquisadores, torna-se importante compreender os impactos psicossociais do fechamento integral ou parcial das escolas para as crianças, as famílias e o processo de escolarização. Assim sendo, o presente estudo (emenda) investiga a experiência parental com a educação de filhos nos dois primeiros anos do ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Com isso, os pesquisadores esperam contribuir para a produção de conhecimento nesta área, dada a importância de investigar o impacto da pandemia de COVID-19 nas relações familiares e educativas.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

RESUMO

A família desempenha papel fundamental no desenvolvimento humano em suas diversas dimensões. Um dos fatores constituintes do psiquismo infantil são os cuidados que inserem a criança no mundo simbólico da cultura da qual ela faz parte. Esse processo de socialização da criança, iniciado no ambiente familiar, é potencializado pelo ingresso dela na escola, uma vez que a educação não se restringe à tarefa do ensino, pois ela desempenha, conjuntamente à família, uma função civilizatória para o sujeito. No contexto do início da pandemia de COVID-19, em 2020, os estabelecimentos de ensino precisaram ser fechados, dificultando o acesso das crianças à educação. Além de afetar a educação formal, as medidas de distanciamento social impactaram também a dinâmica familiar, com repercussões no bem-estar e na saúde mental de todos, em especial das mães que desempenham, ainda hoje, a principal função de cuidado parental. Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Para isso, foi realizado um estudo de caso múltiplo, no qual foram entrevistadas cinco mães com filho que ingressou no Ensino Fundamental em escola pública de Porto Alegre ou região metropolitana, entre 2020 e 2021. Os dados foram analisados a partir da Análise Temática, que levou à construção de dois temas, A emergência da pandemia e A educação na pandemia, cada um com três subtemas. Os resultados evidenciaram o desamparo vivenciado pelas participantes diante de um contexto sobre o qual não tinham controle e onde foram desfeitos os limites entre as dimensões pessoal, parental e profissional da vida cotidiana. Os resultados apontaram ainda a sobrecarga das mães que passaram a desempenhar o papel de professora dos próprios filhos, impossibilitadas de recorrer integralmente ao conhecimento das educadoras, ocasionando sentimentos de angústia e impotência. A partir dos resultados, destaca-se a importância da atenção ao bem-estar e à saúde mental materna, bem como da escola enquanto local de desenvolvimento humano e amparo à família no processo de inserção social da criança.

Palavras-chave: COVID-19; maternidade; educação; infância.

ABSTRACT

Family plays a fundamental role in human development in its various dimensions. One of the constituent factors of the child's psyche is the care that inserts the child into the symbolic world of the culture of which he or she is a part. This process of socialization of the child, which begins in the family environment, is enhanced by the child's entry into school, since education is not restricted to the task of teaching, as it plays, along with the family, a civilizing function for the individual. In the context of the beginning of the COVID-19 pandemic, in 2020, educational establishments had to be closed, making it difficult for children to access education. In addition to affecting formal education, social distancing measures also impacted family dynamics, with repercussions on the well-being and mental health of everyone, especially mothers, who still perform the main role of parental care today. Thus, the objective of the present study was to investigate the maternal experience with the education of children entering elementary school during the COVID-19 pandemic. To this end, a multiple case study was conducted, in which five mothers whose children entered elementary school in a public school in Porto Alegre or its metropolitan region were interviewed between 2020 and 2021. The data were analyzed using Thematic Analysis, which led to the construction of two themes, The emergence of the pandemic and Education in the pandemic, each with three subthemes. The results highlighted the helplessness experienced by the participants in a context over which they had no control and in which the boundaries between the personal, parental, and professional dimensions of daily life were blurred. The results also pointed to the overload of mothers who began to play the role of teachers for their own children, unable to fully rely on the knowledge of educators, causing feelings of anguish and powerlessness. Based on the results, the importance of attention to maternal well-being and mental health stands out, as well as of school as a place of human development and support for the family in the process of the child's social integration.

Keywords: COVID-19; motherhood; education; childhood.

CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO

Apresentação

O processo de socialização da criança, iniciado no ambiente familiar, é potencializado pelo ingresso dela na escola, uma vez que educação não se restringe à tarefa do ensino, pois ela comporta também, conjuntamente à família, a função do trabalho civilizatório do sujeito. No contexto da pandemia de COVID-19, desde março de 2020, os estabelecimentos de ensino foram fechados, dificultando o acesso das crianças à educação. Nesse sentido, torna-se importante compreender os impactos psicossociais do fechamento integral ou parcial dos estabelecimentos de ensino para as crianças, as famílias e o processo de escolarização.

Assim, o objetivo do presente estudo é investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Em um primeiro momento, é abordada a dimensão do desenvolvimento infantil no núcleo familiar, cujos cuidados permitem o amadurecimento da criança. Posteriormente, é apresentada a importância do envolvimento entre a família e a escola no que elas têm a contribuir conjuntamente para o a educação na infância: o cuidado e a socialização. Depois, são discutidos os impactos psicossociais, presentes e potenciais, do fechamento das escolas durante a pandemia de COVID-19 na família e na educação de crianças. Por fim, é exposto o novo cenário ao qual mães e pais foram submetidos durante a pandemia, especialmente no que se refere ao ensino de crianças, que ficaram fora do ambiente escolar.

Família e parentalidade: cuidado e desenvolvimento na infância

A família desempenha papel fundamental ao desenvolvimento humano em suas diversas dimensões. É na presença do outro, materializada pelos cuidados parentais, que o sujeito se constitui psiquicamente, ocorrendo a inscrição, no bebê, das representações que o humanizam e o inserem simbolicamente na cultura (Kamers & Baratto, 2004). Uma vez que os cuidados rotineiros fornecem à criança sentimentos de coesão, continuidade e de existência em segurança, aponta-se a importância de sua constância, no período inicial da vida, para o amadurecimento saudável da pessoa, rumo à independência (Boukobza, 2002; Winnicott, 1982). O desenvolvimento humano é um processo contínuo, cujo impedimento desencadeia efeitos prejudiciais; assim, saúde e maturidade estão intimamente relacionadas (Winnicott, 1982). Tais possíveis impedimentos ao processo de amadurecimento se originam no ambiente, pois é este que deve se adaptar às necessidades do bebê, que neste momento se encontra em um estado de total dependência de seus cuidadores. A presença e o apoio de

adultos – constituintes do ambiente de cuidado – que desempenham a função parental favorecem a integração do bebê, conduzindo assim à sua organização egoica (Dias, 2003) e à sua gradual apreensão do mundo que o cerca. Logo, é através das interações e dos cuidados parentais que a família auxilia a criança na compreensão do universo de leis e normas que atravessam seu cotidiano, instaurando assim o princípio de realidade (Freud, 1911; Pedroza, 2010).

De acordo com Papalia e Martorell (2021), no período denominado de segunda infância, dos 3 aos 6 anos de idade, o desenvolvimento das áreas sensoriais e motoras permite melhor coordenação entre o que a criança quer e o que ela pode fazer; nesse momento, portanto, o desenvolvimento físico infantil progride com brincadeiras livres e ativas. Já entre os 4 e 7 anos de idade, as autoras apontam que se verifica grande avanço no pensamento simbólico infantil, quando cresce a compreensão da criança a respeito de causalidade, identidade e categorização. Contudo, ela ainda não apresenta capacidade de pensar simultaneamente em diversos aspectos de um fenômeno ou situação, nem consegue ainda considerar a perspectiva de outras pessoas, tomando o próprio ponto de vista como absoluto. Ademais, as autoras demarcam a relevância da autorregulação emocional como um avanço da segunda infância, pois a partir dela as crianças conseguem controlar seus comportamentos e guiar suas respostas a fim de atender a expectativas sociais. Crianças nessa fase da vida passam a compreender as emoções das pessoas através de sinais vocais e corporais, entendendo que outras pessoas também têm sentimentos próprios, o que servirá de base para o desenvolvimento do comportamento moral e social (Papalia & Martorell, 2021).

Outro aspecto essencial ao desenvolvimento infantil é a brincadeira. Uma de suas funções é o domínio de ideias ou impulsos que de outro modo conduziriam à angústia (Winnicott, 1982). Além disso, as atividades lúdicas permitem que as crianças se envolvam com o mundo à sua volta, seja o ambiente físico ou as outras pessoas. Através do brincar, a criança exercita a cognição, a imaginação e a capacidade simbólica; ela também experimenta papeis sociais e cultiva habilidades interpessoais (Papalia & Martorell, 2021). A presença de um adulto que garanta segurança à criança para que esta possa brincar e explorar o mundo retrata um dos aspectos do que pode ser descrita como uma das mais importantes funções parentais: a apresentação do objeto. Por este termo, pode-se compreender a forma como as figuras parentais, através do manejo cotidiano dos cuidados infantis, introduz a criança ao mundo que a cerca, levando-a gradualmente a se relacionar com este mundo (Winnicott, 1962/1983; Winnicott, 1963/1994). Isso mostra que, ao longo do desenvolvimento infantil, e especialmente no período de dependência absoluta, a dedicação parental no zelo com a

criança não se dá exclusivamente pelas palavras (Lopes et al., 2013), como também pelos gestos e pela presença que asseguram o crescimento.

Essa presença antecede a existência real do bebê, portanto, sendo relativa a sua pré-história, concebida no imaginário da mãe e do pai que se dispõem ou não à responsabilidade de cuidar. Nesse sentido, a pré-história da criança por nascer se encontra articulada à dialética do desejo das figuras parentais (Kamers & Baratto, 2004). Durante a gestação (seja ela biológica ou simbólica), ressurgem nos adultos gestantes os conflitos infantis que permearam seu crescimento (Moro, 2005), ainda que estes tenham sido elaborados – e isso faz com que a mãe e o pai revivam sua própria história (Boukobza, 2002). Dado que a constituição psíquica na infância acontece a partir do entrelaçamento do desejo parental (Dócolas, 2010) – que se refere à inscrição das moções psíquicas que impelem o desenvolvimento do ser humano e compelem à ação e à criatividade (consequentemente, pode-se dizer que o desejo possibilita a vida) –, é a própria sobrevivência do bebê que está em jogo nessa dinâmica.

No entanto, a parentalidade é um papel construído, pois ninguém nasce mãe ou pai, mas se torna (Moro, 2005), conforme é realizada a atividade de cuidado do bebê. A presença de mais de um adulto que assuma o papel parental se mostra benéfica tanto ao adulto quanto à criança. A denominada coperantalidade apoiadora envolve a cooperação entre mãe e pai nos cuidados físicos e emocionais do bebê (Schmidt et al., 2019). Entretanto, assumir a função de cuidado implica em um significativo dispêndio psíquico, de forma que diversos fatores podem dificultar ou impedir a assunção dessa incumbência. Embora exista uma tendência à mudança desse cenário, é comum que se encontre a mulher como a protagonista do manejo infantil, mesmo quando ela compartilha, direta ou indiretamente, as responsabilidades parentais com outras pessoas (Lopes et al., 2005). Esse dado é reafirmado frequentemente pelos próprios homens que são pais, que atribuem à mulher maior habilidade para lidar com a criança, ainda quando estes participam assiduamente dos cuidados cotidianos (Gabriel et al., 2017).

Um dos motivos apontados pela menor participação de pais no cuidado de filhos é sua alta carga laboral (Gabriel et al., 2015; Gabriel et al., 2017; Schmidt et al., 2019). Apesar disso, é comum que os pais se sintam satisfeitos ao interagir ludicamente com seus bebês, ao passo que muitos revelam o desejo de maior envolvimento com a rotina de cuidados (Gabriel et al., 2015). Ademais, pais primíparos descrevem sentimentos de completude e bem-estar a respeito de sua experiência de paternidade (Cherer et al., 2018). E há relatos de pais que, quando afastados, sentem saudades de seus filhos (Gabriel et al., 2017). Por outro lado, há também ambivalência no que se refere ao envolvimento paterno nos cuidados com os filhos

por parte das mães, que por vezes a estimulam e outras vezes a inibem: ocasionalmente ocorrem relatos de depreciação materna a respeito da atividade paterna e relatos de recusa da mãe a se separar dos filhos e deixa-los aos cuidados do pai, o que pode acarretar sensações paternas de inadequação e inaptidão nos primeiros meses de vida do bebê, quando ele necessita de presença constante (Schmidt et al., 2019). É possível ainda que os pais vivenciem sentimentos de exclusão e/ou inveja da relação corpo a corpo da díade mãe-bebê (como no caso da amamentação), podendo desencadear dificuldades na experiência da partenidade (Cherer et al., 2016).

Não obstante, existe uma tendência à valorização dos homens quanto a sua própria participação nos cuidados dos filhos, para além da provisão financeira (Cherer et al., 2018) – tipicamente associada à paternidade tradicional –, à medida que o maior envolvimento paterno nos cuidados parentais garante maior segurança e confiança à mãe (Gabriel et al., 2015). Em contrapartida, a ausência do pai do bebê causa sentimentos de insegurança em gestantes primíparas (Marin et al., 2011), bem como a sensação de sobrecarga e insatisfação (Schimdt et al., 2019). Nesse sentido, Sehn e Lopes (2019) apontam para a existência do sentimento materno de suspensão da própria vida, diante da necessidade de cuidar dos filhos.

A escola e o envolvimento da família

Os cuidados e as interações, originalmente provenientes da família, são expandidos quando do ingresso da criança na escola, à medida que ela se depara com novas figuras de identificação, personificadas por professores e colegas. No Brasil, é obrigatório o ingresso das crianças na educação básica a partir dos quatro anos de idade (Constituição Federal, art. 208, 1). Além do desenvolvimento cognitivo e acadêmico, o processo de escolarização ampara a construção da identidade da criança a partir de sua assunção de um papel social: o de aluno (Neves et al., 2017), razão pela qual é atribuída à instituição escolar uma função além do ensino, que diz respeito à socialização. É por este motivo que Fulgencio (2016, p. 125) afirma que "O processo educativo corresponde ao conjunto de atividades que pode contribuir para um indivíduo desenvolver suas potencialidades". Nesse sentido, em função coextensiva à dos pais, a escola assume parcialmente a responsabilidade de efetuar o trabalho civilizatório dos sujeitos (Martins, 2011). Segundo Klinko e Carvalho (2021, p. 61. Grifos das autoras), a escola

> ainda é um ambiente protegido, porém não tão restrito como o lar; e já apresenta alguns elementos do mundo, embora não corresponda ao mundo propriamente dito, despojado de tutela e proteção. Uma instituição que pretende criar condições para uma *transição* do âmbito privado para o âmbito público, do universo individual e familiar

> – considerado um espaço de intimidade e proteção da luz pública –, para o mundo plural e compartilhado, território de visibilidade. Nesse sentido, a escola opera como um elemento, simultaneamente, de separação e mediação com o mundo; a escola o mimetiza, do mesmo modo como uma obra de ficção cria um mundo onde, ao mesmo tempo, difere-se da realidade e se assemelha a ela, algo que pode nos instruir acerca do humano por meio de suas representações.

Sendo assim, é inegável a contribuição dos sentimentos de pertencimento a um grupo e de ser valorizado por colegas e professores para a aprendizagem integral da criança (Tonocchi, 2021). Na interação com amigos e colegas, a criança passa gradualmente a adquirir autonomia (Neves et al., 2017), o que denota a imprescindibilidade das formações grupais na infância, que nesse momento acontecem de forma predominante no ambiente escolar, principalmente ao se considerar que com frequência as crianças respondem melhor a estímulos de seus pares do que daqueles provenientes de mães e pais (Tonocchi, 2021). Portanto, a experiência cultural e de pertencimento social surge como extensão direta do brincar infantil (Winnicott, 1968/1994), que estimula a exploração do mundo, a interação e a relação com o outro, bem como a capacidade criativa.

Contudo, dada sua importância ao desenvolvimento infantil, a experiência educacional pode apresentar dificuldades relevantes em suas tarefas de ensino e socialização. Carneiro e Coutinho (2015) apontam como a busca por serviços de saúde mental na infância parte de demandas escolares, predominando queixas relacionadas a dificuldades comportamentais, de aprendizagem e de socialização. Apesar do movimento de diferenciação das figuras parentais que ocorre quando do ingresso da criança na educação formal e de sua relativa separação da família – o que engendra o fortalecimento desse processo de socialização –, é benéfico que esta construa com a escola uma relação de cooperação no processo educacional (Fantinato & Cia, 2011; Silveira & Wagner, 2012). Nesse sentido, a função da educação de crianças é de ampliar o cuidado parental, não substitui-lo (Winnicott, 1982).

Assim, o compromisso familiar inclui o envolvimento de mães e pais com a educação de seus filhos em casa e na escola, bem como a qualidade de sua relação com professores. Ogg et al. (2021) investigaram, através de escalas, a participação de responsáveis estadunidenses e canadenses em atividades escolares, culturais e de lazer de seus filhos no jardim de infância. Os resultados mostraram que a participação parental se associava a menores índices de comportamentos externalizantes, a maior repertório de habilidades sociais e melhor desempenho acadêmico das crianças. Ademais, os autores relataram que habilidades

sociais e desempenho acadêmico apresentaram correlação positiva entre si, o que denota a importância da socialização para o desenvolvimento intelectual.

No que se refere ao envolvimento domiciliar e com relação às práticas e concepções acerca do dever de casa de crianças cursando a 3ª série do ensino fundamental, o estudo brasileiro de Resende (2008) aplicou questionários e entrevistas voltados a mães, pais e professores de diferentes níveis socioeconômicos de Belo Horizonte/MG. Os resultados mostraram que o dever de casa era considerado muito importante, bem como seu acompanhamento por parte dos responsáveis, incluindo-lhes no processo de aprendizagem. A pesquisa mostrou ainda que, em famílias de camadas populares, a justificativa para a importância do dever de casa se restringiu à solidificação do aprendizado e à melhor utilização do tempo da criança. Por outro lado, as famílias de camadas socioeconômicas médias também destacaram o desenvolvimento do hábito de estudo e de atitudes de autonomia, compromisso e responsabilidade, bem como a possibilidade de fazer desse um momento de acompanhamento dos estudos dos filhos por parte de mães e pais.

Outro tema que tem sido destacado na literatura concerne à participação diferenciada das mães e dos pais no processo educativo. Apesar de o nível médio de envolvimento dos pais na educação dos filhos ser menor do que o das mães, ele está positivamente associado a conquistas educacionais das crianças, conforme apontado por metanálise que investigou o envolvimento paterno em relação ao envolvimento materno na educação de crianças em idade escolar (Kim & Hill, 2015). A pesquisa mostra que, enquanto as mães tendem a ser mais frequentemente envolvidas em todos os aspectos da vida educacional dos filhos, os pais são mais propensos a expô-los ao mundo externo e utilizar estratégias desafiadoras e cognitivamente estimulantes.

Independente de ser a mãe ou o pai quem participa mais do processo educativo, o papel parental na vida escolar dos filhos é atravessado pela relação daqueles com os educadores. O estudo de Ogg et al. (2021), mencionado acima, revelou que a confiança entre os responsáveis e os professores se mostrou um preditor negativo de comportamentos externalizantes e um preditor positivo de maiores níveis de nota em leitura e matemática. Silveira e Wagner (2012) também enfatizam a importância de uma relação de confiança entre a família e a escola para o manejo de problemas comportamentais em crianças estudantes do ensino fundamental. Em seu estudo envolvendo entrevistas com mães, pais e professores de três crianças entre 7 e 9 anos de idade, estudantes de escolas privadas de Porto Alegre/RS, é apontada a necessidade de um trabalho integrado entre mães, pais e educadores.

Por outro lado, o envolvimento ativo de professores e da equipe pedagógica também é fundamental à promoção de saúde na infância e à prevenção de situações que comprometem o bem-estar dos alunos. A pesquisa de Bazon e Faleiros (2013), que entrevistou 161 profissionais da educação de uma cidade no interior de São Paulo, mostrou que 73% deles tiveram contato com possíveis casos de maus-tratos infantis ao longo de sua carreira, sendo que a maioria deles (62% dos diretores e 78% dos professores) relataram ter tentado resolver o problema no âmbito da escola. Já 38% dos diretores e 14% dos professores procederam à notificação do caso ao Conselho Tutelar. Nesse sentido, a escola desempenha um papel crucial em identificar problemáticas psicossociais na infância. Nessa mesma direção, a pesquisa de campo de Beltrame e Boarini (2013), baseada em um levantamento de prontuários, estudos de caso e entrevistas realizadas com profissionais da saúde mental de um município no interior do Paraná, encontraram que 60% de casos encaminhados a CAPSi envolviam queixas escolares, correspondendo a mais de um terço dos encaminhamentos para serviços de saúde mental.

Esses dados explicitam a importância da instituição educacional para o desenvolvimento das crianças e para a identificação de problemas psicossociais na infância. A escola também se apresenta como um ambiente que medeia o processo de separação da criança do seu núcleo familiar. No exercício de sua função, a escola pode se tornar um fator de proteção crucial à promoção de saúde dos indivíduos que nela circulam, especialmente no que se refere a crianças cujas famílias se encontram em situação de vulnerabilidade. É necessário questionar, portanto, quais os impactos psicossociais do fechamento dos estabelecimentos escolares na vida das crianças e suas famílias, como aconteceu durante a pandemia de COVID-19, que surgiu no país a partir de março de 2020.

A pandemia de COVID-19 e o fechamento das escolas

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de COVID-19, doença causada pelo coronavírus, atentando os governos e a população ao redor do mundo ao planejamento e à execução de ações de mitigação e contenção da doença (Moreira & Pinheiro, 2020). Dentre as medidas que buscaram o controle da disseminação do vírus, foi estipulado o distanciamento social e, em casos mais extremos, o lockdown, que levou ao fechamento compulsório de serviços considerados não essenciais, incluindo os estabelecimentos de ensino (Bianchini, 2020).

Essa situação de confinamento doméstico trouxe grandes desafios às famílias, tais como a falta de rotina educacional e laboral, a sobrecarga de trabalho doméstico e a

instabilidade socioeconômica. Esses desafios podem intensificar problemas preexistentes, especialmente em famílias em condição de vulnerabilidade psicossocial (Linhares & Enumo, 2020). Apesar de crianças e adolescentes não serem a população mais afetada pelo contágio do coronavírus, é a que mais sofre os efeitos indiretos da doença (Peliz, 2021). No começo da pandemia, já eram levantados questionamentos a respeito dos impactos do fechamento das escolas na saúde mental e no desenvolvimento social de crianças e adolescentes, demonstrando a preocupação de que o prolongamento dessa medida exacerbasse as desigualdades sociais (Giannini, 2020). Há indícios que levam a crer na concretização desse cenário, conforme apontam Araújo e Lua (2021), ao sinalizarem, a partir das informações disponíveis até o momento, a possibilidade do aprofundamento das desigualdades de classe, de gênero, de geração e de raça/cor no que se refere ao mundo do trabalho com a implementação das atividades laborais remotas. Também foi estimado que o fechamento das escolas brasileiras durante a pandemia afetará o aprendizado e a produtividade futura, causando o aumento da desigualdade social; ademais, a educação infantil realizada remotamente priva as crianças de experiências de compartilhamento do espaço concreto e das relações próximas (Linhares & Enumo, 2020). Com base em suposições teóricas acerca da associação entre a perturbação social devido à pandemia, o ajustamento infantil e o bem-estar de cuidadores e da família, Prime et al. (2020) estimaram que os transtornos causados pela COVID-19 produzirá níveis elevados de estresse psicológico aos cuidadores, impactando na qualidade do relacionamento entre cônjuges e entre mães/pais e filhos.

O cenário da educação, nos contextos mundial e brasileiro, já apresenta sinais de alerta. Dado que as escolas públicas foram as que ficaram fechadas por mais tempo e que o ensino remoto depende de condições estruturais e materiais para as aulas, as populações de baixa renda são as mais afetadas (Verdélio, 2021). Um relatório produzido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF] (2021b) mostra que o Brasil ocupou o quinto lugar global na classificação dos países com maior média de dias nos quais as escolas ficaram totalmente fechadas entre março de 2020 e fevereiro de 2021, totalizando 158 dias, ao passo em que a média mundial foi de 95 dias. O Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF] (2021a) expõe um cenário nacional precário, mostrando que crianças entre 6 e 10 anos de idade correspondiam a 41% dos brasileiros em idade escolar que estavam sem acesso à educação ao final de 2020. A exclusão afetou mais as populações vulneráveis, estando no Norte (28,4%) e no Nordeste (18,3%) o maior percentual de crianças e adolescentes sem acesso à educação em 2020, enquanto o Sul se encontra na região correspondente ao menor percentual (5,1%). Os dados indicam também que a exclusão prejudicou ainda mais crianças

e adolescentes pretos, pardos e indígenas, que em 2019 correspondiam a 71,3% daqueles sem acesso à educação no Brasil. Ademais, a exclusão escolar afeta mais os meninos, embora a diferença seja muito pequena, em comparação às meninas, na faixa etária de 6 a 10 anos.

Os impactos do fechamento das escolas já são sentidos pelas famílias. Uma investigação argentina, a respeito dos laços sociais na infância durante o isolamento social na pandemia, realizada com 126 responsáveis (sendo 87,3% do gênero feminino) por crianças entre 5 e 12 anos de idade evidenciou que a convivência familiar foi mais conflituosa durante o distanciamento social, com especial destaque à dificuldade do vínculo com os filhos (Serantes et al., 2021). Em seu levantamento realizado com 1266 famílias (sendo 87% dos respondentes mães) com crianças de até 6 anos de idade na Espanha, Otero-Mayer et al. (2021) apontaram que apenas 58,2% das famílias se sentiam prontas para lidar com a educação dos filhos no contexto da pandemia, ao passo que 17,3% delas relataram não possuir tempo suficiente para se dedicar à tarefa de lidar com a tarefa. Em outro levantamento realizado com 506 responsáveis (sendo 92,9% mães) por crianças entre 1 e 10 anos de idade na Irlanda, notou-se a dificuldade de mães e pais em conciliar o trabalho domiciliar com os cuidados parentais durante o confinamento (Egan et al., 2021). Os responsáveis também referiram que as telas digitais têm sido utilizadas como babá a fim de substituir os cuidados escolares, demonstrando sentimentos de culpa por não voltar tanta atenção às crianças quanto elas necessitam. Esse dado é reforçado por Morgül et al. (2020), em levantamento com 927 cuidadores do Reino Unido (sendo 96,9% mães) que reportaram, em média, a duplicação do tempo de uso de tela (celulares, TV, computadores) por parte das crianças durante o lockdown, ao passo que sua atividade física teve redução significativa. Em pesquisa brasileira sobre a rotina de crianças entre 4 e 6 anos de idade durante a pandemia, Betti (2021) aplicou um questionário a 330 responsáveis pelos cuidados parentais (dos quais 91,2% dos respondentes foram mães), encontrando que 36,6% relataram ganhos nas brincadeiras infantis, ao passo que 48,2% manifestaram desafios significativos. Dentre aqueles que perceberam mudanças no brincar dos filhos, 56,7% apontaram uso excessivo de aparelhos eletrônicos por parte das crianças, enquanto 30,8% alegaram ter dificuldades para brincar com as crianças – por outro lado, 41,2% relataram maior elaboração simbólica e criatividade infantil nas brincadeiras.

Em anos recentes, é possível verificar o crescimento do uso de recursos eletrônicos entre crianças e jovens, seja para entretenimento e lazer, seja para tarefas educacionais. Diante desse cenário, é imprescindível que mães, pais e demais cuidadores acompanhem de perto a utilização de mídias digitais por parte de seus filhos. De acordo com a Sociedade

Brasileira de Pediatria (2019), é recomendada a orientação parental sobre a utilização moderada de telas, o estabelecimento de regras e restrições para o uso e a discussão com as crianças sobre o conteúdo acessado ou a atividade exercida por elas nos meios eletrônicos. Em 2020, a Sociedade Brasileira de Pediatria publicou uma atualização a essas recomendações, considerando o contexto da pandemia e alertando para a importância de reservar tempo para a interação e as brincadeiras fora das telas, bem como manter os relacionamentos afetivos das crianças com suas famílias.

O aumento do uso de mídias digitais na infância levanta um alerta sobre os possíveis efeitos das telas sobre o desenvolvimento infantil. As pesquisas nesse campo apontam tanto benefícios quanto prejuízos nessa relação. Em um estudo realizado com 277 responsáveis (dos quais 93,7% eram mães) por crianças de 7 a 11 anos, Santos (2020) encontrou que crianças que usam mídias eletrônicas por mais tempo tendem a apresentar mais problemas internalizantes. Contudo, é preciso ponderar sobre a finalidade da utilização dos recursos eletrônicos, pois não foi encontrada correlação entre o uso de mídias para atividades escolares, conversas com amigos ou acesso a redes sociais e problemas internalizantes (Santos, 2020). Ainda, o uso de mídias eletrônicas por essas crianças para fins escolares está negativamente associado a relato parental de comportamentos externalizantes e a violação de regras (Oliveira, 2020). Por outro lado, o mesmo estudo recém citado indica que, de forma geral, quanto mais as crianças utilizam mídias eletrônicas com fins de lazer/entretenimento, maiores as taxas de problemas externalizantes. Esses achados sinalizam a relevância da moderação e do monitoramento no uso de telas entre os filhos, mostrando que, quando bem utilizadas, elas podem possibilitar ou facilitar a socialização, o contato com amigos e professores e a continuidade de atividades da educação escolar.

Os dados relacionados à saúde das famílias e seus filhos durante o confinamento são preocupantes. Um levantamento, a respeito do bem-estar de 1011 mães, pais e filhos menores de 18 anos durante a pandemia nos Estados Unidos (sendo 55,3% mulheres) (Patrick et al., 2020), mostrou que 26,9% dos adultos reportaram piora em sua saúde mental e 14,3% relataram piora da saúde comportamental de seus filhos, enquanto 17,7% mencionaram piora em sua própria saúde física e 3,7% piora na saúde física dos filhos. A investigação mostrou ainda que mulheres e mães/pais solteiros apresentaram maiores taxas de piora na própria saúde mental. Observaram também que as famílias com crianças pequenas têm maiores dificuldades para lidar com a situação do confinamento: aquelas com filhos de 0 a 5 anos de idade apresentaram maiores taxas de piora na saúde mental e comportamental do que as famílias com filhos de 6 a 12 anos, que tiveram taxas maiores do que as famílias com filhos

com idade entre 13 e 17 anos. Ainda, 9,6% de mães/pais reportaram piora tanto em sua saúde mental quanto na saúde comportamental dos seus filhos. Um estudo da Alemanha (Calvano et al., 2021) sobre saúde mental parental na pandemia e a ocorrência de experiências adversas na infância, realizado com 1024 mães e pais (sendo 50,9% mulheres) com ao menos um filho menor de idade, verificou que os eventos que mais causaram estresse a mães e pais foram o distanciamento social de família e amigos, o fechamento de escolas e de centros de cuidado infantil, a preocupação a respeito da saúde de outras pessoas e as restrições a atividades fora de casa. A pesquisa aponta que o estresse relacionado à pandemia se associou a um aumento de experiências adversas na infância na vida dos filhos. Entre mães e pais que relataram a ocorrência de eventos estressores graves na infância na vida de seus filhos – o que inclui violência, abuso e negligência –, mais de um terço (34,8%) relatou aumento na ocorrência dessas experiências durante a pandemia, enquanto 10,9% de mães e pais referiu aumento expressivo de problemas domésticos relacionados a transtornos mentais durante o período (Calvano et al., 2021).

Um estudo brasileiro sobre os cuidados ofertados à primeira infância no início da pandemia, realizado com 30 mães com crianças entre 1 e 6 anos de idade, residentes em Fortaleza/CE (Silva, 2020), mostrou que as crianças apresentaram mudanças significativas no comportamento, manifestando sintomas de agitação, ansiedade, dependência excessiva, distúrbios do sono, estresse e medo. Na mesma pesquisa, houve relatos de agravamento de problemas pré-existentes, ocasionando momentos de impaciência e agressão verbal e/ou física no cuidados com os filhos. A pesquisa brasileira de Gurgel (2021), com oito mães de crianças na primeira infância, em situação de vulnerabilidade social, encontrou que, no contexto da pandemia, as participantes apresentaram sentimentos de tristeza e desânimo em decorrência das dificuldades vivenciadas na circunstância de distanciamento, causadoras de sobrecarga dos cuidados domésticos e parentais, dada a demanda exaustiva e repetitiva dos mesmos. Apesar de as mães entrevistadas referirem cuidar da própria saúde, elas apontaram dificuldades em priorizá-la, além de exporem a dificuldade no acesso a serviços de saúde, o que pode ter exacerbado a sensação de exaustão e esgotamento físico e mental relatado pelas participantes (Gurgel, 2021). Referenciado anteriormente, o estudo de Betti (2021) encontrou que 65,5% de mães e pais na pandemia referiram desafios na dimensão emocional e comportamental da vida de seus filhos – as maiores mudanças nesse quesito se associaram a ansiedade, impaciência, agitação, frustração, comportamento opositor, medo, preocupação e agressividade. A autora também indica que 59,8% relataram desafios no campo da convivência e da interação social dos filhos – dentre aqueles que declararam mudança nesse

aspecto, 66,5% relatam sentimentos de falta por pessoas com quem as crianças conviviam anteriormente e 44,8% mencionaram maior busca da criança por interação com adultos (o que pode sobrecarregar os responsáveis, ao mesmo tempo em que pode fortalecer a relação). Tais achados mostram que o isolamento e a consequente diminuição do suporte social durante a pandemia reforçou sentimentos negativos de mães com filhos na primeira infância (Silva, 2020).

Comparado ao período anterior à pandemia, crianças com idade de 5 a 11 anos manifestaram mudanças comportamentais e emocionais associadas a tédio, solidão, tristeza, irritabilidade, inquietude, ansiedade e maior propensão a discutir com a família (Morgül et al., 2020). O nível de estresse parental durante a pandemia foi estatisticamente maior do que ao período anterior à pandemia (Calvano et al., 2021). A pesquisa de Egan et al. (2021), mencionada acima, apontou casos de isolamento, ansiedade, falta de energia, irritabilidade e preguiça. A coexistência familiar durante o lockdown se apresentou moderadamente difícil, tendo os cuidadores apresentado níveis moderados de sofrimento psicológico nesse período (Morgül et al., 2020). Uma pesquisa dos Estados Unidos que investigou, antes e depois da pandemia, o bem-estar psicológico de famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica com filhos de 2 a 7 anos de idade (Gassman-Pines et al., 2020) mostrou que apenas 14% das famílias não apresentou dificuldades relacionadas à COVID-19, enquanto a maioria experenciou dois ou mais tipos de dificuldade. Ademais, a presença de dificuldades relacionadas à COVID-19 se associou negativamente ao bem-estar psicológico de mães, pais e filhos. De forma geral, pode-se ponderar que, anteriormente à pandemia, as famílias contavam com extensa rede de apoio e suporte social, de forma que os cuidados com os filhos não recaíam inteiramente sobre mães, pais e demais responsáveis (Silva, 2020).

Em seu estudo de mapeamento dos impactos do fechamento das escolas durante a pandemia, Fonseca et al. (2020) apontam que períodos longe do ambiente escolar podem impactar em aspectos de saúde mental e processo de aprendizagem das crianças. Muitas mães e pais relataram que seus filhos sentem falta da rotina e da estrutura fornecidas pelo enquadre escolar, mesmo quando são providos de atividades lúdicas semelhantes às da escola, assinalando que, durante o lockdown, as crianças sentiam falta de muitos aspectos da vida anterior à pandemia, como a escola, os amigos e as brincadeiras (Egan et al., 2021). Crianças de 1 a 5 anos de idade mostraram sentir mais falta dos estabelecimentos de educação infantil e há relatos expressivos de falta de interação, falta de apoio familiar e ausência de rotina para as crianças. Notou-se a preocupação parental em relação ao comportamento socioemocional infantil, que envolve o relacionamento com adultos e outras crianças, a compreensão de

emoções, a aquisição de independência e a exploração do ambiente. Uma participante do estudo citado refere que a filha de 2 anos se tornou mais introvertida e muito apegada à mãe desde o início do confinamento, estando mais cautelosa na presença de pessoas de fora da família.

Em seu levantamento com 2400 brasileiros a respeito dos significados atribuídos à pandemia, Melo et al. (2021) encontraram que grande parte dos brasileiros (36,49%) fez referências às repercussões negativas da pandemia na vida cotidiana, mencionando termos como *doença*, *morte* e *isolamento*. Contudo, uma parcela (14,06%) também mencionou reverberações positivas, como *reinvenção* e *solidariedade*. Egan et al. (2021) também obtiveram relatos de efeitos positivos do lockdown, momento que é descrito por alguns como uma folga da rotina cansativa, ou em que houve melhora no relacionamento entre irmãos, mais liberdade ou mais tempo para brincar em casa do que havia na creche. Como algumas estratégias encontradas por mães e pais para enfrentar os desafios relacionados às ocupações das crianças durante a pandemia, conforme a investigação de Betti (2021), 73,2% dos responsáveis incentivaram as crianças a ser mais independentes, enquanto 47,3% buscaram apoia-las em todas as suas necessidades. Um fator significativo à capacidade de enfrentamento é a rede de apoio. Assim, a mesma pesquisa (Betti, 2021) informa que 69,5% dos respondentes encontravam em seus familiares a principal fonte de apoio emocional durante o distanciamento, ao passo que 32,6% deles encontravam esse apoio em amigos e 25,9% em profissionais (psicólogos, educadores, terapeutas); no entanto, 14% dos participantes declararam não ter nenhum apoio.

Parentalidade na pandemia: entre o cuidado, a educação e o ensino

Um aspecto importante da quase totalidade dos estudos citados é que a imensa maioria das participantes das pesquisas que abordam os cuidados parentais e educacionais é composta de mulheres, geralmente a mãe. Em 52,49% dos casos entrevistados na pesquisa de Serantes et al. (2021), a mulher era a única pessoa que colaborava com as tarefas escolares dos filhos, enquanto que, em 33,3% deles, a colaboração era partilhada entre mães e pais. No estudo sociológico de Silva (2021), que aplicou questionários a fim de refletir sobre os desdobramentos da educação e da alfabetização à distância, a responsabilidade de acompanhar as atividades educacionais dos filhos recaía exclusivamente sobre a mãe em mais de metade das famílias participantes. Isso indica que mulheres e mães continuam sendo as principais figuras de cuidado no que se refere à infância, à família e à educação, cenário que não aparenta ter se modificado no contexto da pandemia. Esse fenômeno reverbera também

em diferenças de gênero em sua relação com a saúde mental. Calvano et al. (2021) apontam que, embora não tenha se identificado diferenças de gênero quanto ao estresse relacionado à pandemia e ao estresse parental, mães relataram maiores níveis subjetivos de estresse, ansiedade e depressão, quando comparadas aos pais.

A ausência ou a baixa participação de homens/pais nos cuidados infantis podem causar sobrecarga às mulheres/mães em sua rotina familiar, o que frequentemente as leva a buscar estratégias de enfrentamento alternativas para compensar o déficit do envolvimento masculino/paterno. Conforme indicado acima, o distanciamento social favoreceu a tolerância parental com o tempo de exposição dos filhos às telas (Betti, 2021; Silva, 2020), inclusive em razão da efetiva necessidade das mídias digitais para a participação em aulas e a realização de trabalhos escolares. Ainda assim, as famílias demonstram preocupação com a perda de socialização de seus filhos no período de aulas virtuais (Tonocchi, 2021). Essa temática se torna cada vez mais presente e imprescindível no cenário da saúde mental e da educação, visto que o uso de tecnologias tem se ampliado cada vez mais, tornando-se uma necessidade aos âmbitos escolar, laboral e de lazer. Assim é que, como principais fontes de estratégias e informações sobre o desenvolvimento infantil durante a pandemia, 38,4% dos responsáveis buscaram redes sociais de profissionais e 31,7% buscaram sites, enquanto 21% buscaram redes sociais de grupos de mães e pais (Betti, 2021). Não obstante, o estudo mostrou também que 50,6% dos participantes recorreram aos professores de seus filhos para obter ajuda nessas questões, apontando que a escola e os docentes continuam sendo uma referência imprescindível no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças.

Antes da pandemia de COVID-19, havia pouco uso de tecnologias, especialmente as digitais, para auxiliar no ensino e na alfabetização de crianças, especialmente na educação pública; depois, elas se mostraram uma necessidade (Pigatto, 2021, 30). Nesse panorama, a tecnologia se tornou parte essencial da rotina familiar e escolar de mães, pais e crianças. Contudo, uma parte considerável da população enfrentou dificuldades significativas na adaptação ao novo cenário, como a posse de dispositivos digitais e o acesso à internet (Serantes et al., 2021). Além de obstáculos tecnológicos, o estudo bibliográfico de Laguna et al. (2021) também assinala que famílias de classes econômicas desfavorecidas não possuem condições adequadas ao ensino remoto, como espaço material, tempo e habilidades pedagógicas – fatores que intensificam a desigualdade social.

Entretanto, mesmo as famílias que conseguiram acessar o ensino remoto enfrentaram diversos empecilhos. Em uma netnografia (etnografia realizada em ambiente virtual) que tinha como objetivo compreender o processo de alfabetização durante a

pandemia em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental da rede estadual de Minas Gerais (Ávila, 2021), encontrou-se que, nas semanas iniciais do ensino remoto, os familiares se apresentaram bastante presentes na educação dos filhos, comunicando à professora suas dúvidas e aflições. Da mesma forma, a professora se mostrava participativa, pedindo retorno da família e buscando as melhores formas de aprimorar o aprendizado dos alunos. Entretanto, o mesmo estudo recém citado aponta que, gradualmente, as famílias relataram sobrecarga de atividades escolares dos filhos e dificuldade de seu cumprimento. Nesse sentido, muitos familiares manifestaram desconfiança quanto à efetividade da modalidade remota de ensino, valorizando mais a educação presencial (Silva, 2021). De fato, o distanciamento físico e simbólico do espaço habitual de interações sociais tende a gerar tensão (Serantes et al., 2021), causando a disrupção da rotina familiar.

Neste panorama, a família e, principalmente, as mães e os pais, passaram a desempenhar um papel central na escolarização de seus filhos, visto que os cuidadores se tornaram a principal fonte de mediação entre a escola, o ensino e as crianças. O WhatsApp se transformou em uma ferramenta indispensável para a comunicação e a transmissão de conteúdos pedagógicos (Ávila, 2021), ainda mais em se tratando do momento de passagem das crianças ao Ensino Fundamental, nível educacional referente à alfabetização. Assim, a interação entre professora e alunos sempre acontecia de forma indireta – mediada por algum familiar que acessava os meios de comunicação –, ocorrendo através do envio de fotos, vídeos e áudios nos meios digitais (Ávila, 2021). Contudo, a relação docente-discente se resumiu quase inteiramente à realização de tarefas escolares, priorizando-se os materiais pedagógicos padronizados desenvolvidos pelo governo e disponibilizados verticalmente às famílias, ainda que a relação e a comunicação com a escola e a professora permanecessem deficitárias (Ávila, 2021).

Desse modo, mães, pais e demais cuidadores se viram obrigados a exercitar uma função que antes não lhes cabia: a de professores. Apesar de uma suposta continuidade pedagógica do processo escolar, com o ensino virtual, as famílias reconheceram uma reorganização do papel docente, constituindo-se mães e pais como a principal figura de transmissão do saber ou acompanhantes do processo de aprendizagem nessas circunstâncias (Serantes et al., 2021). Ainda que os familiares tenham recebido instruções das professoras acerca dos métodos de ensino, sua capacidade de desempenhar as tarefas docentes se mostrou extremamente limitada, visto sua falta de formação para esse trabalho; assim se constituiu outro entrave ao processo didático (Ávila, 2021; Pigatto, 2021; Serantes et al., 2021).

No período pré-escolar, o desenvolvimento ocorre muito aceleradamente e depende da interação da criança com o meio, de modo que sete meses de afastamento da pré-escola, para uma criança de 0 a 3 anos de idade, pode significar um sexto ou mais da sua vida com privação de estimulação da convivência com pares (Fonseca et al., 2020). Isso pode comprometer o ingresso da criança no ensino fundamental, visto que entre as principais condições a serem desenvolvidas para o ingresso nessa etapa da educação, para a alfabetização e para o desenvolvimento socioemocional saudável, destacam-se: motricidade ampla e fina, autorregulação emocional, funções executivas (sustentação atencional, automonitoramento de motivação, adiamento de recompensas), linguagem oral suficientemente desenvolvida e conhecimento básico de diferenciação de letras e números (Fonseca et al., 2020).

Foram relativamente comuns relatos de preguiça, desinteresse, desânimo e cansaço por parte das crianças, a respeito de sua postura quanto ao ensino remoto; ademais, foram identificadas dificuldades de aprendizagem na alfabetização, como a desigualdade entre os alunos no avanço do processo pedagógico (Ávila, 2021). Na escola pública, o cenário se apresentou ainda mais precário devido à demora na adoção de recursos digitais para o exercício do ensino remoto, o que ocasionou atraso em relação à aprendizagem das crianças nesse contexto socioeconômico (Silva, 2021). Segundo a percepção de professoras alfabetizadoras, nem todos os alunos alcançaram o aprendizado que seria possível no ensino presencial típico, uma vez que a aprendizagem requer acompanhamento assíduo e direto dos alunos, o que não foi possível durante a pandemia (Pigatto, 2021). De acordo com elas, a alfabetização não foi suficientemente alcançada, estimando-se que a mesma deverá ser retomada nos anos seguintes.

Mudanças relacionais das famílias, como as que aconteceram devido à pandemia, representam um considerável risco à adaptação infantil, posto que esta depende de processos familiares positivos ao desenvolvimento. Prime et al. (2020) enfatizam que as ligações entre a ocorrência de dificuldades, o bem-estar do cuidador, o bem-estar da família e a adaptação infantil operam dentro de um sistema multilinear, por meio do qual a perturbação em um domínio gera perturbação em outro. Segundo os autores, vulnerabilidades preexistentes nas famílias aumentam a suscetibilidade a rupturas sociais e às sequelas da pandemia, enquanto o bem-estar familiar intacto ou fortalecido servirá para proteger crianças e famílias de tais fatores estressores. Certamente, algumas crianças necessitarão de apoio adicional a fim de superar os efeitos negativos da crise pandêmica em seu desenvolvimento socioemocional. O mesmo pode ser dito em relação às famílias no geral. Prime et al. (2020) estimaram a

variabilidade na forma como as famílias seriam impactadas pela COVID-19, ponderando que algumas famílias estariam mais vulneráveis às sequelas da pandemia, a partir de dificuldades preexistentes, como baixa renda familiar, problemas de saúde mental e experiências de racismo e marginalização.

De fato, já é possível vislumbrar essas diferenças do impacto dessa crise nas famílias em situação de vulnerabilidade, quando comparadas às famílias em melhor situação socioeconômica. Em seu estudo, anteriormente citado, Otero-Mayer et al. (2021) mostraram que a maior parte das famílias (97,2%) manteve contato com as escolas durante a pandemia, principalmente entre as famílias com maior nível educacional e cujos filhos frequentavam escolas privadas. Nesse sentido, relações consistentes se mostram um indicador chave na qualidade dos cuidados infantis (Egan et al., 2021). Portanto, é de suma importância compreender como as famílias lidaram com a situação de confinamento no que se refere à educação de seus filhos na pandemia, bem como investigar as reverberações dessas experiências no presente.

Justificativa e objetivo

Conforme exposto acima, a pandemia de COVID-19 teve enorme impacto em todos os aspectos da vida dos indivíduos e das famílias, com destaque para os aspectos psicossociais, cujas reverberações seguem até hoje. Em particular, a educação também foi afetada de forma significativa, prejudicando os processos de escolarização e socialização de crianças, uma vez que os estabelecimentos de ensino foram fechados por um longo período de tempo. A capacidade de cuidar depende parcialmente da saúde mental de mães e pais, visto que estes funcionam como um amenizador do impacto causado por situações de estresse – como no caso da pandemia –, que influenciam o funcionamento familiar e a adaptação infantil (Wade et al., 2021). Portanto, é importante que se investigue os efeitos da pandemia na dinâmica das famílias a partir da experiência das mães com a educação de crianças, bem como suas reverberações no processo educacional infantil. As mães ficaram particularmente envolvidas com a educação dos filhos, muito mais do que os pais e, por isso, foram foco desse estudo.

A partir dessas considerações, o objetivo do presente estudo é investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Especificamente, o estudo busca investigar as experiências que tiveram com os três modos de educação que coexistiram no momento de distanciamento social – o ensino

remoto, o híbrido e o presencial. Além disso, investiga-se a percepção de mães sobre o envolvimento da escola e de professores com o ensino das crianças naquele contexto.

CAPÍTULO II
MÉTODO

Participantes

Participaram desse estudo 5 mães[1] que residiam com ao menos um filho que tivesse ingressado no Ensino Fundamental entre 2020 e 2021 em escola pública de ensino fundamental de Porto Alegre ou região metropolitana. Buscou-se atender a um critério de diversidade (Stake, 2006), com casos de participantes que tenham tido experiências com o ensino remoto, e/ou o híbrido e/ou o presencial durante a pandemia. Essa variação de casos e de situações contribui para que se compreenda as experiências de mães com a educação de seus filhos na pandemia.

Tabela 1. Caracterização geral das participantes.

Caso	Participante	Idade	Raça/cor	Escolaridade	Possui trabalho com renda?	Estado civil	Nº de filhos	Filho(a)	Idade	Ano de ingresso no EF	Data da entrevista
C1	Alice	44	Branca	Superior incompleto	Sim	Separada	2	Leon	9	2020	07/2022
C2	Jane	32	Negra	Médio incompleto	Não	Separada	2	Jonas	8	2021	07/2022
C3	Cibele	30	Branca	Fundamental incompleto	Não	Casada	2	Karen	8	2020	08/2022
C4	Fabíola	47	Negra	Médio/técnico completo	Sim	Casada	3	Pietro	9	2020	12/2022
C5	Jussara	32	Branca	Médio completo	Sim	Casada	1 (gestante)	Monique	8	2021	01/2023

Delineamento e procedimentos

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso múltiplo (Stake, 2006) para investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Para Stake (2006), o foco do estudo de caso múltiplo é a compreensão de um fenômeno, mais do que as particularidades de um caso. Propõem entre 4 e 10 casos, como sendo um número adequado para se conhecer o fenômeno em sua complexidade, sem a intenção de chegar à saturação dos dados.

As participantes foram recrutadas através de divulgação da pesquisa em redes sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp). Os objetivos e procedimentos do estudo foram apresentados às participantes interessadas através de contato telefônico ou rede social. Com aquelas que concordaram em participar da pesquisa, foi agendado um horário para assinatura

[1] Seis mães foram contatadas para participar da pesquisa, das quais 5 aceitaram.

do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE; cópia no anexo A). Em seguida, as participantes foram solicitadas a responder à *Ficha de dados sóciodemográficos* (adaptado de NUDIF/CRESCI, 2011) e, na sequência, foi realizada com a mãe a *Entrevista sobre a experiência parental com a educação de crianças durante a pandemia* (Friedemann & Piccinini, 2021). Todos os encontros foram online, usando a plataforma Google Meet. As entrevistas foram gravadas em vídeo, com anuência das participantes e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Instrumentos

Ficha de dados sóciodemográficos (adaptado de NUDIF/CRESCI, 2011): este instrumento foi utilizado para se obter informações sóciodemográficas como idade, estado civil, escolaridade, ocupação. Cópia no Anexo B.

Entrevista sobre a experiência parental com a educação de crianças durante a pandemia (Friedemann & Piccinini, 2021): esta entrevista tem por objetivo investigar a experiência parental com a pandemia e o distanciamento social, especialmente no que se refere à educação de crianças ingressantes no ensino fundamental. Além disso, investiga a percepção de mães e pais sobre o envolvimento da escola e de professores na educação dos filhos.

É composta de cinco blocos com questões abertas. O primeiro bloco se refere à experiência da participante com a pandemia em relação à dinâmica familiar e aos cuidados parentais. O segundo bloco diz respeito à experiência do filho do participante com a pandemia. O terceiro bloco investiga a experiência da participante com a educação do filho durante a pandemia e o distanciamento social. O quarto bloco se relaciona à experiência presente da participante com a educação do filho. Por fim, o quinto bloco aborda a percepção da participante quanto a sua experiência com a educação do filho em momento anterior à pandemia. Trata-se de uma entrevista estruturada realizada de forma semidirigida. Cópia no Anexo C.

Considerações éticas

O presente estudo atende às determinações presentes na Resolução 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas éticas para a pesquisa com seres humanos no campo das Ciências Humanas e Sociais. Também atende às normativas do Ofício Circular nº. 02/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021,

que dispõe sobre orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

Os riscos aos quais os participantes foram sujeitos são mínimos. No entanto, visto que a entrevista aborda questões íntimas da vida dos participantes, ela pôde gerar desconforto emocional. Caso isso ocorresse, seria feita indicação de serviços e/ou profissionais especializados em assistência psicológica, de caráter emergencial, disponíveis na cidade, sem ônus ao participante. Por outro lado, as entrevistas foram realizadas por um profissional psicólogo, portanto com formação para escuta do/a participante, podendo assim lhe proporcionar acolhimento e reflexões que pudessem se mostrar úteis e benéficas.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS (Anexo D). Os participantes foram solicitados a fornecer sua concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que contém as informações referentes aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios de sua participação no estudo.

Análise de dados

A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática (Braun et al., 2019b) para investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. A análise temática pode interrogar padrões dominantes de significado que rodeiam fenômenos particulares e endereçar questões referentes a grupos sociais específicos, além de descrever suas experiências de vida e examinar fatores que influenciam, sustentam ou contextualizam processos ou fenômenos particulares nesses grupos sociais (Braun et al., 2019b). Em particular, a análise temática é um procedimento que pode ser adotado na pesquisa qualitativa para a apreensão de temas, definidos como padrões de significado organizados ao redor de um conceito ou uma ideia central, que capturam a essência e a extensão do significado nos dados analisados (Braun et al., 2019b). As autoras buscam esclarecer o conceito de tema por meio da analogia do sistema solar: um tema pode ter facetas múltiplas, mas volta sempre a uma ideia central – como os planetas orbitando ao redor do Sol.

A análise, para o presente estudo, seguiu os seis passos propostos pelas autoras (Braun & Clarke, 2006; retomados em Braun et al., 2019b): 1) familiarização com os dados; 2) geração de códigos iniciais; 3) busca por temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos temas; e 6) produção do relatório. Na análise temática, a codificação é um processo orgânico e iterativo que se propõe a identificar sucinta e sistematicamente

significados no conjunto de dados, a partir da geração de códigos – extratos retirados dos dados, associados à sua interpretação coerente; o objetivo final do processo de codificação é o desenvolvimento de temas (Braun et al., 2019b). O pesquisador desempenha papel ativo na codificação e na construção de temas, sendo parte crucial do processo de produção do conhecimento (Braun & Clarke, 2006; Braun et al., 2019a; Braun et al.). Dessa forma, ele age como um contador de histórias, engajado em interpretar os dados através das lentes de sua cultura, de seu posicionamento social e de seus conhecimentos acadêmicos e teóricos (Braun et al., 2019b). Assim, as autoras entendem que os temas não emergem dos dados, como se esperassem para ser descobertos; temas são construídos, desenvolvidos pelo pesquisador, a partir de seu encontro com os dados (Braun & Clarke, 2016; Braun et al., 2019a). Por sua vez, os subtemas subjazem aos temas, compartilhando seu significado central, mas se focando em um aspecto específico do mesmo (Braun et al., 2019a). A análise temática é caracterizada pela flexibilidade, pois sua utilização não implica uma teoria específica na forma de interpretar os dados, além de não determinar um único meio de analisá-los, considerando as diversas técnicas de coleta dos mesmos (Braun & Clarke, 2006; Braun & Clarke, 2020).

Nesse estudo, a análise dos dados será realizada de forma integrada, a partir da análise cruzada, conforme um dos caminhos propostos por Stake (2006), a amalgamação de resultados a partir dos casos [“merge Findings across Cases” (Stake, 2006, p. 58)], no qual a prioridade não é preservar a situacionalidade de cada caso individualmente. A análise cruzada visa à identificação de padrões de significado compartilhados ao longo e através das entrevistas com as participantes da pesquisa.

Na análise temática, Braun et al. (2019a) abordam ainda a questão da prevalência dos temas, tanto em relação aos itens de dados – entendidos aqui como as entrevistas individuais – quanto em relação aos conjuntos de dados – entendidos aqui como o conjunto de todas as entrevistas. Elas apontam que, idealmente, será identificado certo número de instâncias de um tema ao longo do conjunto de dados; contudo, a quantidade de instâncias não implica, necessariamente, que o tema em si seja mais crucial (Braun & Clarke, 2006). O significado dos dados não é óbvio, de modo que é necessário reiterar a importância do papel ativo do pesquisador na análise temática, cujo trabalho crucial é dar sentido aos dados a partir de sua posição: não simplesmente apreender padrões, como também argumentar o que eles significam, por que eles são importantes e quais suas possíveis implicações (Braun et al., 2019a). Portanto, o presente estudo se propôs a construir temas que retratam fenômenos ao longo dos conjuntos de dados e que tenham sido expressos de forma significativa nas

entrevistas, de acordo com a deliberação dos pesquisadores e com base em suas considerações teóricas e em sua interação com as participantes.

A análise de dados foi conduzida indutivamente, de modo que o processo de codificação dos dados não intentou encaixá-los em um quadro de codificação pré-existente, e os temas foram desenvolvidos a partir dos dados coletados, não sendo previamente condicionados por conceitos ou ideias específicos, nem determinados por temas identificados previamente pela literatura (Braun & Clarke, 2006).

Foi utilizado o *software* NVivo Versão Release 1.5.1 (https://lumivero.com/products/nvivo/) para o processo de codificação e categorização dos dados coletados nas entrevistas, a partir do qual foram construídos os temas.

CAPÍTULO III
RESULTADOS

O objetivo do presente estudo foi investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no Ensino Fundamental durante a pandemia de COVID-19. Apresenta-se, a seguir, os resultados da análise temática descrita acima. Os resultados serão apresentados em duas partes: primeiramente, será realizada uma breve caracterização de cada um dos cinco casos e, posteriormente, apresentaremos os temas e subtemas (conforme Figura 1) construídos a partir da análise dos dados.

O primeiro tema, *A emergência da pandemia*, refere-se à experiência das participantes em relação ao surgimento da pandemia e as formas de enfrentamento à mesma, sendo composto por três subtemas: *O desamparo do inesperado*, *Medos e perdas*, e *Ser, trabalhar e cuidar*. O segundo tema, *A educação na pandemia*, refere-se à experiência das mães com a educação de seus filhos durante a pandemia, em um momento tão crucial ao desenvolvimento intelectual e acadêmico que é o ingresso no Ensino Fundamental, sendo composto por três subtemas: *O impossível da educação distanciada*, *Ser mãe e professora*, e *O alívio da reabertura*. Os resultados serão apresentados com base nesses temas e subtemas, e serão ilustrados por meio de relatos das participantes.

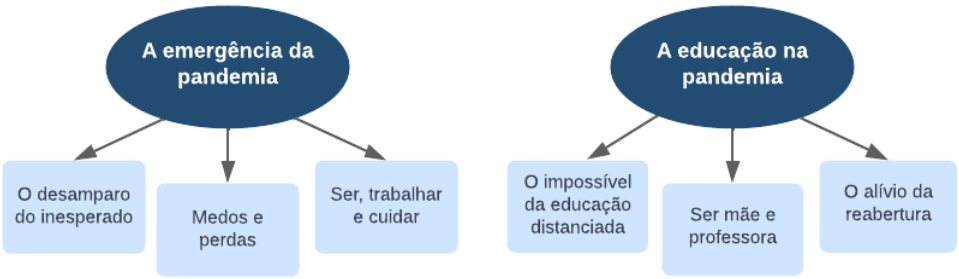

Figura 1. Mapa temático representando os temas e subtemas.

[As subseções I e II (pp. 32-56) foram suprimidas desta versão da dissertação por conterem informações que poderiam levar à identificação das participantes]

CAPÍTULO IV
DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no Ensino Fundamental durante a pandemia de COVID-19. Os resultados foram apresentados em duas partes: primeiramente, foi realizada uma breve caracterização de cada um dos cinco casos e, posteriormente, apresentados os temas construídos a partir da análise temática, ilustrados por meio de relatos das participantes. Neste capítulo, retoma-se os principais resultados, discutindo-os à luz da literatura.

O primeiro tema, *A emergência da pandemia*, apresentou a experiência das participantes em relação ao surgimento da pandemia e as formas de enfrentamento à mesma. Esse tema foi composto de três subtemas: *O desamparo do inesperado*, que abordou o modo abrupto com o qual as participantes lidaram com essa emergência de saúde pública; *O medo e a perda*, que tocou nos sentimentos advindos das mudanças em relação à vida cotidiana e à doença; e *Ser, trabalhar e cuidar*, que apontou a sobreposição de papeis – pessoais e sociais – que tiveram de ser desempenhados pelas participantes.

A partir dos relatos maternos, ficou evidente o grande impacto que a pandemia teve na saúde mental das participantes. Essa situação de emergência pública demandou grandes mudanças no cotidiano doméstico, profissional, familiar e parental, o que levou à necessidade de adaptação ao contexto das medidas de distanciamento e prevenção da doença. Conforme apontado anteriormente, a literatura científica sobre o assunto indicou o aumento dos níveis de estresse e sofrimento psicológico de mães e pais, afetando as relações familiares/parentais (Morgül et al., 2020; Prime et al., 2020; Calvano et *al*., 2021). Um fator que atuou como estressor nesse contexto foi a sobreposição de responsabilidades que recaíram sobre as mães de crianças ingressantes no ensino fundamental, como as participantes desse estudo. Elas precisaram conciliar o trabalho profissional com o trabalho doméstico, parental e até mesmo educacional, conforme destacado na literatura (Egan et al., 2021). Esse excesso de trabalho, além de demandar grandes níveis de disposição por parte das mães, parece ter causado níveis significativos de exigência interna para elas, propiciando um sentimento de frustração quando tais cobranças não conseguiam ser cumpridas, achado também relatado por Laguna et al. (2021). Em sua análise temática realizada com 20 mulheres, mães de ao menos um filho de 7 a 10 anos de idade matriculado no ensino fundamental, Addi-Raccah e Tamir (2023) encontraram que as participantes de maior nível socioeconômico (NSE) reclamaram do fardo imposto pelas responsabilidades associadas ao ensino remoto dos filhos, como a necessidade

de lidar com as necessidades dos mesmos, atentar-se a outras obrigações familiares/domésticas, e a sobrecarga laboral. Além disso, os autores destacaram que o distanciamento social privou as participantes de receber de sua rede de apoio a ajuda necessária para lidar com as tarefas cotidianas. Assim foi que Calvano et al. (2021) indicaram o distanciamento social e o fechamento dos estabelecimentos de cuidado infantil como dois dos principais eventos que levaram ao aumento de estresse parental.

Nesse sentido, os achados indicam o aprofundamento das desigualdades de gênero – possibilidade já sinalizada por Araújo e Lua (2021) –, uma vez que o fenômeno da múltipla jornada de trabalho e da sobreposição de papeis sociais entre as mulheres (nas dimensões, pessoal, doméstica, conjugal, parental e profissional) se intensificou durante o período de distanciamento social ocasionado pela pandemia. Outro dado que aponta para a primazia das mulheres no desempenho de tais funções é que, conforme mencionado anteriormente, a grande maioria dos estudos realizados durante a pandemia sobre a temática de parentalidade e educação teve como participantes (exclusiva ou parcialmente) um grande número de mulheres e/ou mães.

De fato, também a presente pesquisa tinha como proposta inicial a investigação da experiência parental com a educação durante a pandemia, por meio da entrevista com mães e com pais. Contudo, durante os procedimentos de coleta de dados, a totalidade de participantes que se dispuseram a responder à entrevista foi composta de mulheres. Isso denota o maior envolvimento das mulheres com os cuidados parentais, de forma geral, e com a educação de seus filhos, especificamente. Assim é que das cinco participantes do presente estudo, quatro se assumiram como a principal responsável por ambas as formas de envolvimento.

Ao longo da pandemia, essa situação se traduziu, conforme indicado pelo presente estudo, em sobrecarga dos trabalhos doméstico, parental e laboral, bem como no maior comprometimento da saúde mental dessas mães. Também usando análise temática, o estudo de Burns et al. (2023) investigou problemas de saúde mental, como estresse e ansiedade, com 375 crianças de baixo nível socioeconômico e suas mães e pais. Dentre as famílias, 39,4% eram compostas de mães/pais solteiros. Os resultados revelaram que apenas uma pequena parcela das mães (5,1%) experenciou problemas de saúde mental. Por outro lado, o estudo também indicou que 28,6% das participantes expressaram dificuldade em dar atenção ou cuidado a seus filhos durante o ensino remoto. Já no estudo de Dinella et al. (2023), mulheres apresentaram maiores níveis de aumento de estresse no início da pandemia quando comparadas a homens: 33,6% das mulheres relataram perturbação psicológica, enquanto essa taxa entre homens foi de 19,4%; uma diferença significativa se deu também em comparação a

mães, das quais 42% apresentaram perturbação psicológica, comparada a 25% de pais. Conforme apresentado por Patrick et al. (2021), mulheres e mães/pais solteiros apresentaram maiores taxas de piora na própria saúde mental durante a pandemia, dado importante no contexto do presente estudo, do qual participaram cinco mulheres, duas das quais eram solteiras/separadas. Como resultado dessa sobrecarga, muitas mães apresentaram sentimentos de tristeza e desânimo em decorrência da pandemia (Gurgel, 2021), bem como leve ampliação nas taxas de sintomas de depressão e ansiedade (Calvano et al., 2021), também relatado por algumas das participantes.

A partir da extinção do limite entre o espaço de responsabilidades e o espaço de lazer e descanso (Silva, 2021), foi comum que as participantes encontrassem dificuldades de conciliação entre as vidas familiar e pessoal, bem como organizar as diferentes rotinas presentes na casa: doméstica, profissional, ensino, principalmente na falta de acesso a recursos adequados para tal, tanto materiais/estruturais quanto psíquicos. A falta de limite entre os diversos espaços também se refletiu na impossibilidade de compartilhar um espaço limitado – seja o espaço físico da casa, seja o espaço subjetivo de cada residente –, onde se sobrepuseram, especialmente durante a pandemia, diversas vidas, atividades e rotinas (Serantes et al., 2021). Uma forma de ampliação do espaço foi encontrado nas ferramentas digitais, que inclusive serviram como uma forma de auxílio na tarefa de cuidado (Morgül et al. 2020; Egan et al., 2021). Além de apoio, durante a pandemia as telas se transformaram em uma necessidade básica para as famílias no que se referia ao acompanhamento educacional dos filhos, assunto abordado no próximo tema.

O segundo tema, *A educação na pandemia*, abordou a experiência das mães com a educação de seus filhos durante a pandemia, em um momento tão crucial ao desenvolvimento intelectual e acadêmico que é o ingresso no Ensino Fundamental. A partir deste tema, foram gerados três subtemas: *O impossível da educação distanciada*, que mostrou o sentimento de desamparo das mães diante desse cenário, ao ter que vivenciar de perto o processo educacional dos filhos; *Ser mãe e professora*, que retratou a dificuldade de assumir o papel primário de ensino dos filhos, sem a preparação adequada para essa função; e *O alívio da reabertura*, que mostrou o momento de retorno dos filhos à educação presencial e os sentimentos advindos deste, bem como a atenuação da sobrecarga à qual elas foram submetidas.

Em relação ao fechamento das escolas no período da pandemia, o estudo de Addi-Raccah e Tamir (2023) revelou que as mães de famílias de maior NSE relataram a necessidade de supervisionar as atividades escolares dos filhos, a fim de garantir seu

aprendizado, enquanto o envolvimento daquelas de menor NSE se equilibrava entre as atividades de aprendizado formal dos filhos e as demandas de outras atividades. Isso também foi referido pelas participantes do presente estudo, que desempenharam ao mesmo tempo as funções de cuidados parentais e domésticos e também de acompanhamento do estudo dos filhos, bem como o trabalho remunerado, em alguns dos casos.

No presente estudo, também se encontrou que, no início do ensino remoto, as famílias acompanharam de perto a educação dos filhos, cenário que se transformou gradualmente, a partir da sensação de sobrecarga advinda dessa nova responsabilidade, o que foi destacado por outros autores (Ávila, 2021). Assim, as mães identificaram a colaboração com professores como um importante recurso de apoio durante o fechamento das escolas (Addi-Raccah & Tamir, 2023). O mesmo dado foi encontrado por Betti (2021), tendo metade das participantes entrevistadas recorrido aos professores dos filhos como uma referência em seus cuidados e seu desenvolvimento educacional. Ainda assim, muitas mães demonstraram um nível expressivo de insatisfação com as professoras, incluindo o trabalho delas e sua capacidade de ensino durante a pandemia (Addi-Raccah & Tamir, 2023). Passou-se também a desconfiar do ensino remoto nesse período e a valorizar a educação presencial (Silva, 2021). Apesar de as participantes do presente estudo terem relatado manter certo grau de contato com a escola e as professoras, não mencionaram tê-las como referência importante para o cuidado dos filhos. No entanto, elas buscavam as professoras para esclarecerimentos em relação às instruções sobre as atividades pedagógicas. Em concordância com a literatura, as mães do presente estudo também se mostraram insatisfeitas com o ensino remoto, inclusive referindo seu desagrado pelo trabalho das educadoras durante o fechamento das escolas.

Nesse cenário, pode-se perceber como o nível socioeconômico das famílias afetou sua rotina e experiência com a educação dos filhos, especialmente durante a pandemia, apresentando também intersecções com outros fatores. Por exemplo, a pesquisa de Addi-Raccah e Tamir (2023) aponta isso ao destacar uma intersecção entre NSE e estar ou não com trabalho remunerado. As mães de menor NSE, que não estavam com trabalho remunerado durante a pandemia, mantiveram mais facilmente uma rotina de estudos para seus filhos, assegurando-se de que eles participassem do ensino remoto. Por outro lado, as que tinham trabalho remunerado relataram maiores dificuldades e menos tempo para auxiliar seus filhos nos estudos, havendo, inclusive, o relato de uma participante que afirmou que seu marido não concordava em ajuda-los a participar das aulas online (Addi-Raccah & Tamir, 2023). Os casos investigados no presente estudo eram de mães cujos filhos também estavam matriculados em escolas públicas, e podemos encontrar semelhanças com a literatura citada,

dado que a maioria delas desempenhava prioritariamente a função de acompanhamento educacional dos filhos, frequentemente relatando a dificuldade de conciliá-la com seus demais compromissos.

Essa sobrecarga se traduziu ainda, conforme relatado pelas participantes desse estudo, no uso acentuado de tecnologias como auxílio para os cuidados parentais, o que se confirma também em outros estudos, que mostraram que as mídias digitais foram uma importante fonte de informações para as mães durante a pandemia, auxiliando-as nas tarefas de cuidado (Betti, 2021; Silva, 2020). Nessas circunstâncias, houve preocupação das famílias no que se refere à socialização das crianças (Tonocchi, 2021). A partir da pandemia, essa preocupação cada vez se mostrou mais válida, dado que as ferramentas de tecnologia digital se tornaram imprescindíveis no ensino distanciado das escolas, em concordância com que foi relatado pelas mães do presente estudo. As participantes fizeram menções especiais ao WhatsApp, fundamental para a comunicação e informação durante o ensino na pandemia, que serviu como mediador entre as famílias e as crianças de um lado, e a escola e as professoras de outro, também destacado por Ávila (2021).

No contexto da educação durante a pandemia, as mães se tornaram a principal figura a desempenhar o papel de educadoras. A falta de formação para exercer essa função, destacado pelas mães desse estudo, se mostrou um grande empecilho para a mesma, bem como uma fonte de sofrimento, angústia e frustração, resultados estes que foram encontrados por diversos autores (Ávila, 2021; Pigatto, 2021; Serantes et al., 2021). Quanto às adversidades e preocupações destacadas pelas mães, desempenhar o papel de educadoras se mostrou um dos maiores desafios para elas, em especial àquelas de baixo NSE, que expressaram raiva e ressentimento diante da situação, manifestando explicitamente que não possuíam formação para desempenhar essa função, como destacado por outros autores (Addi-Raccah & Tamir, 2023).

A literatura aponta a presença de adversidades com a educação dos filhos durante a pandemia como um fator de risco para a saúde mental das mães. Mães que relataram ter experenciado desafios com a educação dos filhos durante a pandemia tiveram maiores níveis de estresse e depressão, sendo que uma parte significativa (43,7%) das participantes de uma pesquisa relatou como desafiadora a necessidade de assumir o papel docente de seus filhos durante a pandemia (Burns et al., 2023). O estudo indicou ainda que mães que relataram dificuldade em incorporar o papel de professora tiveram taxas maiores de depressão. Como salientado acima, a necessidade de incorporar o papel de professora foi um dos maiores desafios relatados pelas participantes da presente pesquisa, que retrataram de forma incisiva a

impossibilidade de atender todas as demandas da educação distanciada, gerando angústia e sentimentos de impotência.

As participantes do presente estudo também exprimiram sua percepção da imprescindibilidade da escola e do papel desempenhado pelas educadoras. Para as mães entrevistadas, as experiências durante a pandemia com a educação aumentou sua consciência a respeito da necessidade de se envolver com a educação dos filhos, o que foi assinalado também por outras pesquisas (Addi-Raccah & Tamir, 2023). Esse dado se mostra de suma importância, visto que, conforme citado anteriormente, inúmeras pesquisas evidenciam a relevância do envolvimento parental com a educação de seus filhos, sua escola, seus educadores e ainda em relação ao rendimento escolar (Kim & Hill, 2015; Ogg et al., 2021) ou a distúrbios comportamentais infantis (Ogg et al., 2021; Silveira & Wagner, 2012).

Percebemos que, para além do desenvolvimento intelectual e acadêmico, a escola desempenha uma função fundamental na socialização das crianças, assegurando "uma abertura em relação à inevitável bolha familiar, criando respiros e desacomodações a partir da imersão na cultura e das potencialidades do laço social" (Klinko & Carvalho, 2021, p. 64). Podemos entender o mesmo em relação às figuras que desempenham primordialmente a função de cuidado e que, na pandemia, exercitaram ainda o papel de educadoras. Pois verificamos o alívio das mães quando os filhos voltaram para a escola, depois de passar pelo período de adaptação que impulsionou também uma angústia de separação. Nesse sentido, para além da função de aprendizagem, pode-se pensar que a escola também funciona como uma forma de amparo às mães, que, além de cuidadoras, são também mulheres e trabalhadoras, entre outros papéis pessoais e sociais.

Considerações finais

O presente estudo investigou a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no Ensino Fundamental durante a pandemia de COVID-19. Os resultados permitiram compreender as experiências de cinco mães em um momento marcante de angústias e incertezas, advindas de um contexto de crise na saúde pública mundial. Encontramos o desamparo dessas mulheres diante das perdas e da premência de se adaptar a circunstâncias traumáticas, ocasionadoras de desmedida tensão e exaustão, que atingiu as pessoas, famílias, escolas e a sociedade como um todo. Também vislumbramos a impossibilidade de educar – em seus sentidos pedagógico e social – sem a presença plena de um outro capacitado para essa tarefa, tendo as mães que se dedicar a uma função estranha a si, produtora de uma assincronia de ritmos e subjetividades. Ao longo da apresentação dos

resultados e da discussão, pudemos colocar em evidência os sentimentos e as dificuldades das mães no enfrentamento ao contexto da pandemia, em especial no que se refere à educação de seus filhos. Por se tratar de alunos ingressantes no Ensino Fundamental – momento delicado de transição no desenvolvimento social e emocional para a criança –, as participantes relataram com especial vigor os percalços da alfabetização. Também ficou manifesta a diferença exercida pelos papeis de gênero e a consequente sobrecarga das mulheres nas funções de cuidado e educação.

O presente estudo mostrou a importância de se compreender a singularidade de experiências das mães com a educação de seus filhos em um cenário atípico como foi o da pandemia de COVID-19. Certas experiências das participantes se assemelharam em alguns aspectos, ao mesmo tempo em que obviamente divergiram em outros, reforçando o papel da abordagem qualitativa da presente investigação. Entre os pontos em comum entre as participantes, pode-se destacar o trauma experimentado pelas mesmas, seja em relação a perdas sofridas por elas, à exaustão demandada pelo contexto ou a confrontação com o próprio desamparo diante das excessivas e sucessivas angústias próprias aos momentos de crise. Lamentavelmente, essa situação de desamparo que as mães experienciaram acabou não sendo adequadamente acolhida, em particular pelos profissionais de saúde mental, envoltos que todos estavam com a pandemia. Sem dúvida, isso culminou no agravamento do sofrimento psíquico de todos os membros das famílias, em particular para as crianças, que também precisavam dar conta das novas estratégias de ensino, calcadas em grande parte na mãe que foi repentinamente transformada em educadora. As consequências emocionais e educacionais para as crianças ainda se fazem sentir após anos em que a pandemia foi mais presente.

REFERÊNCIAS

Addi-Raccah, A., & Tamir, N. S., (2023). Mothers as teachers to their children: lessons learned during the COVID-19 pandemic. *Journal of Family Studies*, *29*(3), 1379-1402. DOI:10.1080/13229400.2022.2048964

Araújo, T. M., & Lua, I. (2021). O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, *46*, 1-11. https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720

Ávila, A. C. A. (2021). *Alfabetização na pandemia da COVID-19*: um estudo netonográfico em uma turma de 1º ano durante o Ensino Remoto [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João Del-Rei]. Plataforma Sucupira. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11140577

Bazon, M. R., & Faleiros, J. M. (2013). Identificação e Notificação dos Maus-tratos Infantis no Setor Educacional. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *23*(54), 53–61. https://doi.org/10.1590/1982-43272354201307

Beltrame, M. M, & Boarini, M. L. (2013). Saúde mental e infância: reflexões sobre a demanda escolar de um CAPSi. *Psicologia: ciência e profissão*, *33*(2), 336-349. https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200007

Betti, A. C. M. (2021). *Ocupações infantis e pandemia da COVID-19*: a percepção das mães [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCAR. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14118?show=full

Bianchini, G. (2020, maio 7). Do distanciamento ao lockdown: saiba etapas do isolamento social. *Estadão*. https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,do-distanciamento-ao-lockdown-saiba-etapas-do-isolamento-social,70003294722

Boukobza, C. (2002). O desamparo parental perante a chegada do bebê. In L. M. F. Bernardino & C. M. F. Rohenkohl (org.) (2002). *O bebê e a modernidade:* abordagens teórico-clínicas (pp. 15-25). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77–101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Braun, V., & Clarke, V. (2016). (Mis)conceptualising themes, thematic analysis, and other problems with Fugard and Potts' (2015) sample-size tool for thematic analysis. *International Journal of Social Research Methodology*, *19*(6), 739-743. doi:10.1080/13645579.2016.1195588

Braun, V., Clarke, V. & Hayfield, N. (2019a): 'A starting point for your journey, not a map': Nikki Hayfield in conversation with Virginia Braun and Victoria Clarke about thematic analysis. *Qualitative Research in Psychology*, DOI: 10.1080/14780887.2019.1670765

Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019b). Thematic Analysis. Em P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences* (p. 843–860). Springer Nature Singapure.

Braun, V., & Clarke, V. (2020). One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? *Qualitative Research in Psychology*, *18*(3), 328-352. https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1769238

Burns, S., Jegatheeswaran, J., & Perlman, M. (2023). I Felt Like I was Going Crazy Understanding Mother's and Young Children's Educational Experiences at Home During COVID-19. *Early Childhood Education Journal*, *51*, 469-482. doi: 10.1007/s10643-022-01306-5

Byrne, D. (2022). A worked example of Braun and Clarke's approach to reflexive thematic analysis. *Quality and Quantity*, *56*, 1391-1412. https://doi.org/10.1007/s11135-021-01182-y

Canossa, S. M. F., & Piccinini, C. A. (2020). *Entrevista sobre a percepção materna frente a parentalidade de gêmeos* [Instrumento não publicado]. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Carneiro, C., & Coutinho, L. G. (2015). Infância e adolescência: como chegam as queixas escolares à saúde mental?. *Educar em revista*, *56*, 181-192. https://doi.org/10.1590/0104-4060.37764

Cherer, E. Q., Ferrari, A. G., & Piccinini, C. A. (2016). A amamentação e o desmame no processo de tornar-se pai. *Estilos Da Clinica*, *21*(1), 12-29. https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p12-29

Cherer, E. Q., Sonego, J. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2018). A experiência da paternidade ao final do primeiro ano de vida do bebê. *Psico*, *49*(2), 127-36. http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2018.2.26574

Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Dinella, L. M., Evans, K., Levinson, J. A., & Gagnon, S. (2023). Women disproportionately shoulder burdens imposed by the global COVID-19 pandemic. *Journal of Social Issues*, 79, 1057-1087. https://doi.org/10.1111/josi.12591

Dócolas, J. R. L. (2010). Narcisismo em tempos sombrios – O mal-estar do sujeito. In L. R. Rocha (org.). *Um movimento psicanalítico: narrativas da teoria, da clínica e da cultura* (pp. 171-179). Porto Alegre, RS: Evangraf.

Egan, S. M., Pope, J., Moloney, M., Hoyne, C., & Beatty, C. (2021). Missing Early Education and Care During the Pandemic: The Socio-Emotional Impact of the

COVID-19 Crisis on Young Children. *Early Childhood Education Journal*, *49*, 925-934. https://doi.org/10.1007/s10643-021-01193-2

Fantinato, A. C., & Cia, F. (2011). Envolvimento parental, competência social e o desempenho acadêmico de escolares. *Psicologia Argumento*, *29*(67), 499–511. https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20401

Fonseca, R.P., Sganzerla, G. C., & Enéas, L. V. (2020). Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: Impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem. *Debates em Psiquiatria*, *10*(4),28-37. https://doi.org/10.25118/2763-9037.2020.v10.23

Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In Strachey, J. (Ed.) (2006). *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 12, pp. 235-246). Imago.

Friedemann, A., & Piccinini, C. A. (2021). Entrevista sobre a experiência de mães e pais com a educação de crianças durante a pandemia. Instrumento não publicado.

Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* Zagodoni Editora.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (2021a). *Cenário da exclusão escolar no Brasil*: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na educação. https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf

Fundo das Nações Unidas para a Infância (2021b). *COVID-19 and school closures*: one year of education disruption. https://data.unicef.org/resources/one-year-of-covid-19-and-school-closures/

Gabriel, M. R., Silva, M. R., Portugal, P, & Piccinini, C. A. (2015). Depressão pós-materna e o envolvimento paterno no primeiro ano do bebê. *Aletheia*, *46*, 50-65. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100005

Gabriel, M. R., Polli, R. G., Dall'Agnol, L. F., Tudge, J, & Piccinini, C. A. (2017). Envolvimento paterno aos 24 meses de vida da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *33*, 1-10. doi:http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33410

Giannini, S. (2020, março 13). Reopening schools: When, where and how?. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. https://en.unesco.org/news/reopening-schools-when-where-and-how

Gassman-Pines, A., Ananat, E. O., & Fitz-Henley, J. (2020). COVID-19 and Parent-Child Psychological Well-being. *Pediatrics*, *146*(4). https://doi.org/10.1542/peds.2020-007294

Gurgel, R. B. (2021). *Vivências parentais de mães de crianças na primeira infância em situação de vulnerabilidade social*: o contexto da pandemia da COVID-19 [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Digital da UFPE. https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/42612

Kamers, M., & Baratto, G. (2004). O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo dos pais. *Psicologia: ciência e profissão*, *24*(3), 40-47. https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000300006

Kim, S. won, & Hill, N. E. (2015). Including fathers in the picture: A meta-analysis of parental involvement and students' academic achievement. *Journal of Educational Psychology*, *107*(4), 919–934. https://doi.org/10.1037/edu0000023

Klinko, J., & Carvalho, J. S. F. (2021). Escola remota: como resistir à domesticação da experiência escolar? *Estilos da Clínica*, *26*(1), 58-67. https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p58-67

Laguna, T. F. S., Hermanns, T., Silva, A. C. P., Rodrigues, L. N., & Abaid, J. L. W. (2021). Educação remota: desafios de pais ensinantes na pandemia. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, *21*(2), 403-412. https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S200004

Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *37*. https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089

Lopes, R. C. S., Alfaya, C., Machado, C. V., & Piccinini, C. A. (2005). "No início eu saía com o coração partido": As primeiras situações de separação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, *15*(3), 26-35. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822005000300004

Lopes, R. C. S., Caron, N. A., Thormann, L. L., & Ribas, A. D. (2013). Tornar-se mãe no processo de amadurecimento: implicações para a ética do cuidado. In Z. Loparic (org.) (2013). *Winnicott e a ética do cuidado*. São Paulo: DWW Editorial.

Marin, A. H., Gomes, A. G., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2011). A constituição da maternidade em gestantes solteiras. *Psico*, *42*(2), 246-254. Recuperado de https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/5379

Martins, V. A. C. (2001). Espaço escolar como herdeiro das funções parentais. *Estilos da Clínica*, *6*(11), 27-32. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v6n11/04.pdf

Melo, C. de F., Almeida, A. M. B. de, Lins, S. L. B., Aquino, S. D. de, Costa, I. M., & Morais, J. C. C. (2021). Giving Meaning to the Pandemic: What Do Brazilians Think About the New Coronavirus? *Trends in Psychology*, *29*, 395-413. https://doi.org/10.1007/s43076-021-00078-y

Moreira, A., & Pinheiro, L. (2020, março 11). OMS declara pandemia de coronavírus. *G1*. https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml

Moro, M. R. (2005). Os ingredientes da parentalidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, *8*(2), 258-273. http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142005002005

Morgül, E., Kallitsoglou, A., & Essau, C. A. (2020). Psychological effects of the COVID-19 lockdown on children and families in the UK. *Revista de Psicología Clínica Con Niños y Adolescentes*, *7*(3), 42–48. https://doi.org/doi: 10.21134/rpcna.2020.mon.2049

Neves, V. F. A., Munford, D., Coutinho, F. A., & Souto, K. C. N. (2017). Infância e escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental. *Educação & realidade*, *42*(1), 345-369. https://doi.org/10.1590/2175-623655336

Núcleo de Infância e Família/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – NUDIF (2011). *Ficha de Dados Demográficos*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Núcleo de Infância e Família – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 48 meses*. Instrumento não publicado

Oliveira, K. F. (2020). *Associação entre o tempo de uso de mídias eletrônicas e problemas externalizantes em escolares durante a pandemia da COVID-19* [Dissertação de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Presbiteriana Mackenzie. http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/4594

Ogg, J., Clark, K., Strissel, D., & Rogers, M. (2021). Parents' and teachers' ratings of family engagement: Congruence and prediction of outcomes. *School Psychology*, *36*(3), 142–154. https://doi.org/10.1037/spq0000379

Otero-Mayer, A., González-Benito, A., Gutiérrez-de-Rozas, B., & Vélaz-de-Medrano, C. (2021). Family-School Cooperation: An Online Survey of Parents and Teachers of Young Children in Spain. *Early Childhood Education Journal*, *49*, 977-985. https://doi.org/10.1007/s10643-021-01202-4

Papalia, D. E., & Martorell, G. (2021). *Desenvolvimento humano* (14a ed., F. A. Costa, Trad.). Artmed.

Patrick, S. W., Henkhaus, L. E., Zickafoose, J. S., Lovell, K., Halvorson, A., Loch, S., Letterie, M., & Davis, M. M. (2020). Well-being of Parents and Children During the COVID-19 Pandemic: A National Survey. *Pediatrics*, *146*(4). https://doi.org/10.1542/peds.2020-016824

Pedroza, R. L. S. (2010). Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. *Psicologia da Educação*, *30*, 81-96. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n30/n30a07.pdf

Peliz, A. C. (2021, abril 05). Fechamento de escolas durante pandemia fez Brasil regredir duas décadas em matéria de evasão escolar, diz representante do Unicef. *Rádio França Internacional*. https://www.rfi.fr/br/podcasts/rfi-convida/20210405-fechamento-de-escolas-durante-pandemia-fez-brasil-regredir-duas-décadas-em-matéria-de-evasão-escolar-diz-representante-do-unicef

Pigatto, F. R. (2021). *Ensino e tecnologias no Ensino Fundamental*: investigação de práticas de alfabetização em escola de Nova Palma-RS no contexto da pandemia. [Dissertação de Mestrado, Universidade Franciscana]. Biblioteca Depositária Universidade Franciscana. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11008990

Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, *75*(5), 631-643. http://dx.doi.org/10.1037/amp0000660

Resende, T. de F. (2008). Entre escolas e famílias: Revelações dos deveres de casa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *18*(40), 385–398. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000200014

Santos, R. (2020). *Associação entre o tempo de uso de mídias eletrônicas e problemas internalizantes em crianças de 7 a 11 anos durante a pandemia da COVID-19* [Dissertação de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Presbiteriana Mackenzie. http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/4594

Schimdt, B., Arenhart, V. S., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2019). Coparentalidade aos três meses de vida do bebê. *Psico*, *50*(1), 1-11. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.1.28043

Sehn, A. S., & Lopes, R. C. S. (2019). A Vivência Materna da Função de Cuidar no Período de Dependência da Criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *35*(spe), 1-11. https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe8

Serantes, J. A., Lenta, M. M., Riveros, B., & Zaldúa, G. (2021). Cuidado infantil y lazos sociales: aislamiento social de niños y niñas durante la pandemia del COVID-19 em la Argentina. *Desidades*, *29*, 16-31. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/desi/n29/n29a02.pdf

Silva, J. P. F (2020). *Implicações da pandemia de COVID-19 nas condições e nos modos de cuidado ofertados na primeira infância* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/55473

Silva, M. O. (2021). Alfabetização no contexto da pandemia de COVID-19: estratégias e percepção de aprendizagem por gestores, docentes e famílias. *Revista de Ciências Humanas*, *3*(21), 14-42. https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/13401

Silveira, L. M. de O. B., & Wagner, A. (2012). A interação família-escola diante dos problemas de comportamento da criança: Estudos de caso. *Psicologia da Educação, 35*, 95–119.Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: Conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 71*(2), 51–67. https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67

Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. Guilford Press.

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Menos telas, mais saúde. Manual de Orientação, Grupo de Trabalho e Saúde na Era Digital*. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-__MenosTelas__MaisSaude.pdf

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2020). *Recomendações sobre o uso saudável das telas digitais em tempos da pandemia da COVID-19.* https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22521b-NA_Recom_UsoSaudavel_TelasDigit_COVID19__BoasTelas__MaisSaude.pdf

Verdélio, A. (2021, março 17). Efeito do fechamento de escolas durante a pandemia pode durar 15 anos. *Agência Brasil*. https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/efeito-do-fechamento-de-escolas-durante-pandemia-pode-durar-15-anos

Tonocchi, M. D. B. (2021). *A sala de aula na sala de estar: as percepções da criança e sua família nos processos de inclusão e aprendizagem, em tempos de pandemia do Covid 19* [Dissertação de Mestrado, Unisinos]. Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos. http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10675

Wade, M., Prime, H., Johnson, D., May, S. S., Jenkins, J. M., & Brwone, D. T. (2021). The disparate impact of COVID-19 on the mental health of female and male caregivers.

Social Science & Medicine, *275*, 113801.

https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113801

Winnicott, D. W. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. W. Winnicott (1983). *O ambiente e os processos de maturação*: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional (pp. 55-61, I. C. S. Ortiz, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (1963). O medo do colapso (*breakdown*). In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Eds.) (1994), *Explorações psicanalíticas* (pp. 70-76, J. O. A. Abreu, trad.). Artmed.

Winnicott, D. W. (1968). O brincar e a cultura. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Eds.) (1994), *Explorações psicanalíticas* (pp. 160-162, J. O. A. Abreu, trad.). Artmed.

Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo* (A. Cabral, trad., 6a. ed.). LTC Editora.

ANEXO A

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO INFORMADO (TCLE)

Título do projeto de pesquisa: *A experiência parental com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19*

Pesquisadores responsáveis: Cesar Augusto Piccinini

Telefone de contato: (51) 3308.5058

Prezada/o

Você está sendo convidada/o a participar do estudo "A experiência parental com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19", que tem por objetivo investigar a experiência parental com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Particularmente, o estudo busca investigar as experiências passada e presente com os três modos de educação que coexistem no momento de distanciamento social – o ensino remoto, o presencial e o híbrido. Além disso, investiga a percepção parental sobre o envolvimento da escola e de professores com o ensino das crianças no contexto da pandemia. Sua participação é muito importante, pois ajudará a estudar um fenômeno novo que tem se mostrado muito importante na educação de crianças no contexto da pandemia de COVID-19. Sua participação acontecerá por meio de uma entrevista realizada por chamadas de vídeo, agendadas diretamente com o pesquisador responsável, conforme a sua disponibilidade.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informamos, de forma clara e detalhada, os objetivos e a justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a experiência parental com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. A participação acontecerá de forma online, por meio de uma entrevista.

Os riscos aos quais os participantes estarão sujeitos são mínimos, já que não estão previstos danos físicos ou psicológicos e não serão adotados procedimentos invasivos. No entanto, visto que as entrevistas abordam questões íntimas que podem gerar algum desconforto emocional, se houver uma demanda de atendimento psicológico para os participantes, o pesquisador poderá indicar serviços especializados na região de moradia do participante, essa assistência terá caráter emergencial e acontecerá sem ônus de qualquer espécie, conforme prevê a Resolução do Conselho Nacional de Saúde Nº 510, de 2016. Caso se comprove dano decorrente da participação na pesquisa, você terá direito à indenização, nos termos da legislação brasileira (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954; e Resolução do Conselho Nacional de Saúde Nº 510, de 2016, Artigo 19). Além disso, se o participante se sentir desconfortável com alguma questão ou procedimento, pode optar por não responder. A participação neste estudo pode também trazer benefícios aos participantes, pois ele possibilita uma reflexão a respeito das relações entre mães, pais e filhos diante de um cenário atípico que é a pandemia de COVID-19.

Os participantes receberão resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esse estudo. A participação nessa pesquisa é voluntária e o participante tem total liberdade para retirar seu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso lhe

traga qualquer prejuízo. O participante não será identificado e será mantido o caráter confidencial das informações registradas relacionadas à privacidade dos participantes. Todo o material dessa pesquisa será mantido em sigilo no Instituto de Psicologia da UFRGS. Os dados coletados, de forma online, utilizados para fins científicos, serão levantados e analisados, e posteriormente armazenados em arquivo físico ou digital, por um período de cinco anos, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, em um banco de dados no Núcleo de Infância e Família (NUDIF). O pesquisador responsável por esse Projeto de Pesquisa é o Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini. Caso sejam necessários esclarecimentos, é possível contatar a equipe de pesquisa pelo telefone (51) 3308.5058, pelo e-mail adamsfmann@gmail.com, ou por correspondência pelo endereço Rua Ramiro Barcelos, 2600, Sala 111 – Bairro Santa Cecília, Porto Alegre/RS. Também é possível contatar o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia pelo telefone (51) 3308-5698, Rua Ramiro Barcelos, 2600, Térreo, Porto Alegre/RS.

Por fim, sugere-se que os participantes imprimam ou salvem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como forma de manter consigo uma via do Termo.

Eu, _____, concordo em participar desse estudo e autorizo a utilização dos dados para fim dessa pesquisa e das publicações dela derivadas.

Assinatura da/o participante: _____

Nome do pesquisador: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Porto Alegre, ____/____/_____.

ANEXO B

Ficha de dados sociodemográficos

(adaptado de CRESCI/NUDIF, 2011)

Eu gostaria de algumas informações sobre você:
- Nome: .....
- Data de Nascimento: .....
- Idade: ..... - Sexo: ..... - Gênero: ..... - Escolaridade (anos concluídos): .....
-Estado Civil: ( ) casado ( ) separado ( ) solteiro ( ) viúvo ( ) com companheira
- Local de nascimento? .....
- Onde viveu a maior parte da vida: ( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural (vila, sítio) Município: .....
- Trabalha fora? ( ) sim ( ) não
- O que faz(ia)? ..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....
Não trabalha há ..... meses

Filho/a
-Nome: .....
-Data de Nascimento: .....
- Idade: .....
- Sexo: .....

Contato
E-mail: .....
Telefone: ..... Celular/Whatsapp: .....

ANEXO C

Entrevista sobre a experiência parental com a educação de crianças durante a pandemia
(Friedemann & Piccinini, 2021; baseada em Canossa & Piccinini, 2020 e NUDIF/CRESCI, 2014)

1. Eu gostaria de conversar com você sobre sua experiência com a pandemia de COVID-19.

- Como você e sua família estão hoje em relação à pandemia?
- E como está o/a (nome do/a filho/a)?
- E o início da pandemia, como foi para você e sua família?
- Vocês seguiram as medidas de distanciamento social?
- Como vocês lidaram com as mudanças ocorridas nesse período?
- Você trabalhava fora de casa antes da pandemia?
  (Se sim) Seguiu trabalhando? De forma presencial, online ou híbrida?
- E como foi para seu/sua cônjuge?
- Como a rotina familiar mudou devido à pandemia?

2. Eu gostaria que você me falasse sobre o/a (nome) durante a pandemia.

- Como ele/a ficou no início da pandemia?
- E depois, como ele/a lidou com a pandemia?
- Quais mudanças você percebeu?
- Ele/a apresentou alguma dificuldade que lhe chamou a atenção?
- E como ficou o seu relacionamento com ele/a?

3. Eu gostaria de conversar com você sobre sua experiência com a educação do/a (nome) durante a pandemia.

- Ele/a manteve as atividades escolares remotas/hibridas?
- Como foi a adaptação dele/a ao ensino remoto/híbrido? Como ele/a se sentia?
- Como a rotina familiar mudou em relação à educação dele/a?
- E como foi o processo de alfabetização dele/a no período da pandemia?
- Ele/a apresentou dificuldades de aprendizado? (Se sim) O que aconteceu?
- Como você lidou com isso?
- E como a escola/professora lidou com isso?
- Como era o relacionamento do/a (nome) com a professora?
- E com os colegas, como era o relacionamento dele/a?
- Como era a sua comunicação com as educadoras?
- Vocês costumavam conversar? (Se sim) Sobre o que conversavam?
  (Se não) Você gostaria de ter conversado mais com elas? Sobre o quê?
- Qual sua percepção geral sobre a educação remota/híbrida?

4. Eu gostaria de conversar com você sobre como está atualmente a educação do/a (nome).

- O/a (nome) frequenta a mesma escola ou ele mudou de escola nesse último ano?
  (Se Sim) Como ele/a está na escola?
- O que ele/a tem falado para você?
- Como é o relacionamento dele/a com a professora?
- E com os colegas, como é o relacionamento dele/a?
- Como está a sua comunicação com as educadoras?
- Vocês costumam conversar?
  (Se sim) Sobre o que conversam?

(Se não) Você gostaria de conversar mais com elas? Sobre o quê?
- Como você se sente com a sua participação com a educação do/a (nome)?
- O que você acha da escola que ele/a frequenta?
- Tem algo que você acha que poderia ser diferente?

5. Eu gostaria de conversar com você sobre como era a educação do/a (nome) antes da pandemia.

- O que levou você a escolher a escola que ele/a frequentava?
- Como foi a inserção dele/a na escola?
- Como era o relacionamento dele/a com a professora? E o que mudou com a pandemia?
- E com os colegas, como era o relacionamento dele/a? E o que mudou com a pandemia?
- Como era a sua comunicação com as educadoras? E o que mudou com a pandemia?
- Como você se sentia com sua participação na educação do/a (nome)? E o que mudou com a pandemia?
- Você participava das atividades educacionais? O que fazia?
- O/a (nome) buscava sua ajuda para lidar com as questões escolares? E o que mudou com a pandemia?
- A escola buscava você para tratar de questões referentes à educação dele/a? E o que mudou com a pandemia?

ANEXO D

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19
Pesquisador: CESAR AUGUSTO PICCININI
Área Temática:
Versão: 5
CAAE: 48644621.9.0000.5334
Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.329.299

Apresentação do Projeto:
O projeto de pesquisa intitulado A relação entre pais e filhos em idade pré-escolar durante a pandemia de COVID-19, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (Parecer no.48644621.9.0000.5334), sendo o tema de dissertação da mestranda Mirele Rodrigues de Melo. Nesse momento, os pesquisadores estão estendendo o referido projeto, a fim de incluir também 8 famílias que,no início da pandemia do COVID-19, tinham uma criança com idade de 6 anos, matriculada em escolas públicas de Ensino Fundamental de Porto Alegre e região metropolitana. A inclusão desse grupo permitirá que se investigue a experiência parental com a educação de filhos durante a pandemia, tema da dissertaçãodo mestrando Adams Friedemann, cujo projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS. No contexto da pandemia de COVID-19, desde março de 2020, os estabelecimentos de ensino foram fechados, priorizando o ensino remoto, dificultando o acesso das crianças à educação. Nesse sentido, conforme mencionam os os pesquisadores, torna-se importante compreender os impactos psicossociais do fechamento integral ou parcial das escolas para as crianças, as famílias e o processo de escolarização. Assim sendo, o presente estudo (emenda) investiga a experiência parental com a educação de filhos nos dois primeiros anos do ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Com isso, os pesquisadores esperam contribuir para a produção de conhecimento nesta área, dada a importância de investigar o impacto da pandemia de COVID-19 nas relações familiares e educativas.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as relações entre pais, mães e filhos em idade pré-escolar durante a pandemia de COVID-19, e investigar a experiência parental com a educação de filhos no início do ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo prevê riscos mínimos, porém, caso algum participante manifeste algum desconforto ou sinta-se mobilizado devido a algum procedimento, será respeitada a decisão de permanecer ou não na pesquisa. Caso os participantes demandem de algum atendimento psicológico poderá ser indicado serviços especializados na região de moradia do participante.

Benefícios:

Este estudo possibilita a compreensão das relações entre pais e filhos diante de um cenário atípico que é a pandemia de COVID-19.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Apos ajustes solicitados, a emenda enquadra-se nas exigências do ponto de vista ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Após a realização dos ajustes necessários no TCLE (o Prof. Cesar Augusto Piccinini é o pesquisador responsável, inclusao da descrição dos benefícios do estudo aos participantes, revisao do formato da escrita e o conteúdo referente à confidencialidade dos dados. Pesquisadores reenviaram o parecer da COMPESQ referente à aprovação do projeto de forma completa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Emenda aprovada

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e finais da pesquisa, por meio de plataforma Brasil, via notificação do tipo “relatório”, para que sejam devidamente apreciados no CEP, conforme norma operacional CNS 001/13.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação

Continuação do Parecer: 5.329.299

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1907181_E1.pdf	23/03/2022 12:36:55		Aceito
Outros	Carta2.docx	23/03/2022 12:35:46	ADAMS HENRIQUE FRIEDEMANN TAVARES	Aceito
Outros	ParecerCOMPESQrevisado.pdf	23/03/2022 12:35:22	ADAMS HENRIQUE FRIEDEMANN TAVARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoTCLErevisado.docx	22/03/2022 18:27:32	ADAMS HENRIQUE FRIEDEMANN TAVARES	Aceito
Outros	AnexoEntrevista.docx	04/03/2022 11:44:41	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Outros	ParecerCOMPESQ.pdf	04/03/2022 11:44:25	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	04/03/2022 11:43:58	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoTCLE.docx	04/03/2022 11:42:36	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Outros	Carta.docx	03/03/2022 15:39:18	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	2_Mirele_carta_resposta_CEP_2.pdf	18/08/2021 14:56:02	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_A_TCLE_corrigido_2.pdf	16/08/2021 13:31:46	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Outros	ANEXO_F.pdf	29/07/2021 12:58:15	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Outros	ANEXO_E.pdf	29/07/2021 12:58:03	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Outros	ANEXO_D.pdf	29/07/2021 12:57:00	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Outros	ANEXO_C.pdf	29/07/2021 12:56:49	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Outros	ANEXO_B.pdf	29/07/2021 12:56:36	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	29/07/2021 12:54:41	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Parecer Anterior	Ata_defesa.pdf	12/07/2021 11:55:21	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	23/06/2021 19:14:57	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PORTO ALEGRE, 04 de Abril de 2022

Assinado por:
Jerusa Fumagalli de Salles
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br